

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

BRUNA SCHIAVON SUSIN

A HAPLOLOGIA SINTÁTICA VARIÁVEL NO PORTUGUÊS DA CAPITAL GAÚCHA

PORTO ALEGRE

2020

BRUNA SCHIAVON SUSIN

A HAPLOLOGIA SINTÁTICA VARIÁVEL NO PORTUGUÊS DA CAPITAL GAÚCHA

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras.

Profa. Dra. Elisa Battisti  
Orientadora

PORTO ALEGRE  
2020



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família, em especial minha mãe e avó, pelo incentivo à curiosidade e ao espírito investigativo. Pelas incontáveis horas de leitura antes de dormir, pelo apoio incondicional às minhas escolhas e por serem, elas mesmas, modelos de mulheres virtuosas e sábias. O amor ao conhecimento e o desejo genuíno de compreender o funcionamento do mundo vieram de um lar que sempre valorizou traços científicos e observadores.

Ao Centro Cultural Porto Belo, pela formação espiritual, pelo amparo emocional e por manter sempre em minha mente que todas as manhãs, tardes e noites de estudo e o empenho dedicado às tarefas intelectuais possuem um objetivo que transcende aspirações individuais. Nas palavras de São Josemaria Escrivá “A Universidade não deve formar homens que consumam egoisticamente as vantagens alcançadas através de seus estudos; deve prepará-los para uma tarefa de generosa ajuda ao próximo, de fraternidade cristã.” Que tudo que eu produza traduza esse desejo de serviço e que eu saiba honrar a Deus através da minha vida profissional.

A experiência de iniciação científica foi, sem dúvida, a parte mais satisfatória e estimulante da minha graduação. Sou grata à equipe LínguaPOA pelas trocas enriquecedoras, pelo acolhimento afetuoso recebido e pelo trabalho que realizamos em conjunto. Esse ambiente de aprendizado que é, ao mesmo tempo, confortável e desafiador, é reflexo da orientação atenciosa desempenhada pela professora Elisa Battisti, cujo exemplo profissional e humano desejo levar para toda vida. Sua dedicação à docência, sua organização e assiduidade constantes, a clareza com que transmite seu conhecimento e o comprometimento que tem com cada um de seus alunos e orientandos são fonte de inspiração para todos que tiveram o privilégio de com ela conviver. Agradeço, por fim, à FAPERGS pela concessão de bolsa que ajudou a financiar meus estudos e esta pesquisa.

## RESUMO

Este trabalho tem como proposta a investigação do processo fonético-fonológico chamado haplologia, que se caracteriza pelo apagamento de sílabas formadas pelas consoantes /t/ e /d/ em posição de onset. Para isso, foram utilizadas 16 entrevistas sociolinguísticas do *corpus* LínguaPOA, amostra que reúne falantes porto-alegrenses distribuídos pelas quatro zonas da cidade (sul, norte, leste e central). Foi feita, em um momento inicial, a revisão de estudos anteriores (Alkmim & Gomes 1982, Tenani 2003, Battisti 2005, Leal 2012, Heineck 2016) e suas constatações acerca do fenômeno, com o objetivo de traçar hipóteses e entender o que já era conhecido sobre o tema. Quanto à metodologia, adotou-se a análise quantitativa e qualitativa. Na primeira, com o auxílio da Plataforma R (versão 3.4.4), foram elaborados modelos de regressão logística das variáveis linguísticas e sociais definidas nesta pesquisa como prováveis condicionadoras, para confirmar ou rejeitar seu peso no processo. Na segunda etapa, a partir de trechos das gravações de quatro informantes, buscou-se averiguar a relação entre o processo linguístico e os diferentes estilos contextuais manifestados pelos falantes ao longo das entrevistas, enquadrando-as dentro das categorias propostas por Labov (2001) em sua formulação da Árvore de Decisão. Fez-se também um mapeamento dos dados biográficos dos entrevistados, incluindo suas práticas sociais e opiniões acerca da cidade, com a intenção de estabelecer relações entre os indivíduos, suas comunidades de fala, e a aplicação da haplologia sintática.

Palavras-chave: *Haplologia*; Fonologia; Porto Alegre; Árvore de Decisão; Estilo.

## ABSTRACT

This study has as proposal an investigation of the phonetic and phonological process named haplology, which is characterized by the deletion of syllables composed by the consonants /t/ and /d/ in onset position. In this regard, 16 sociolinguistic interviews from the *corpus* LínguaPOA were used, a sample that gathers Porto Alegre speakers arranged by four city zones. Initially, prior studies (Alkmim & Gomes 1982, Tenani 2003, Battisti 2005, Leal 2012, Heineck 2016) and their phenomenon's findings were consulted in order to outline hypotheses and to understand what was already known about the matter. In terms of methodology, quantitative and qualitative analyses were adopted. In the first case, with R Platform (3.4.4 version) support, linear regression models of linguistic and social variables defined as probable conditioners in this research were elaborated as a form to confirm or reject their importance in the process. In the second stage, stemming from four informants' record excerpts, the study seeks to look into the different styles manifested by the speakers during the interviews, framing them inside the labovian Decision Tree (2001) categories. A mapping of interviewees' biographic data was made as well, aiming to establish connections between the individuals, their speech community and the syntactic haplology application.

Key-words: *Haplology*; Phonology; Porto Alegre; Decision Tree; Style.

## LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

<b>Figura 1</b> - Árvore de decisão laboviana sobre variação estilística em entrevistas sociolinguísticas.....	20
<b>Figura 2</b> - A Árvore de Decisão reformulada por Baugh (2001) .....	25
<b>Figura 3</b> - Mapa adaptado de Porto Alegre dividido por zonas.....	43
<b>Gráfico 1</b> - Aplicação de haplologia por indivíduo.....	42
<b>Quadro 1</b> - Os 16 informantes do acervo LínguaPOA.....	31
<b>Quadro 2</b> - Variáveis linguísticas previsoras consideradas na análise.....	33
<b>Quadro 3</b> - Variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas em análise preliminar .....	35
<b>Quadro 4</b> - Resultados gerais de aplicação da haplologia.....	37
<b>Quadro 5</b> - Dados biográficos dos 16 informantes.....	46
<b>Quadro 6</b> - Sistematização dos nove trechos analisados .....	56
<b>Tabela 1</b> - Estimativa dos parâmetros do modelo I (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) de haplologia.....	38
<b>Tabela 2</b> - Estimativa dos parâmetros do modelo II (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) de haplologia.....	39

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>11</b>
2.1 Haploglia .....	11
2.2 Revisão de literatura sobre o fenômeno .....	13
2.2.1 Alkmim & Gomes (1982) .....	13
2.2.2 Tenani (2003) .....	13
2.2.3 Battisti (2005) .....	14
2.2.4 Leal (2012) .....	15
2.2.5 Heineck (2016) .....	16
2.3 Labov e a Teoria de Variação e Mudança Linguística .....	16
2.4 Árvore de Decisão e Estilo .....	18
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>27</b>
3.1 Objetivos .....	27
3.2 Procedimentos metodológicos da análise de regra variável laboviana .....	27
3.2.1 Entrevistas .....	27
3.2.2 Variável resposta .....	29
3.2.3 Variáveis previsoras .....	30
3.2.4 Análise estatística .....	33
3.3 Procedimentos da análise de conteúdo e análise dos estilos contextuais das entrevistas sociolinguísticas .....	34
3.4 Análises preliminares .....	35
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>37</b>
4.1 Análise de regra variável .....	37
4.2 Análise de conteúdo e de estilos contextuais .....	43
4.2.1 Dados biográficos dos informantes e seus comentários sobre a cidade .....	43
4.2.2 Os estilos contextuais .....	47
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>57</b>
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A haplologia sintática, fenômeno fonético-fonológico de apagamento que acontece em contextos com sílabas semelhantes (qualidade de vida > qualida' **de** vida), é o tema de investigação deste trabalho. O estudo ambiciona dar continuidade à pesquisa de iniciação científica desenvolvida no ano de 2018 (Susin 2018). Com a expansão do número de sujeitos observados e a partir de uma escuta cuidadosa de suas entrevistas, surgiu o interesse de atentar ao que estava sendo dito nas gravações. A percepção de que alguns informantes do *corpus* usado nesta pesquisa (LínguaPOA, <https://www.ufrgs.br/linguapoa/>, a ser detalhado adiante em 3.2.1) oscilavam em suas posturas conforme o tópico abordado, retraindo-se ou elaborando grandes e entusiasmadas respostas, despertou a curiosidade sobre os efeitos desses movimentos na realização da haplologia. Em relação aos demais estudos sobre o tema considerados nesta pesquisa, a proposta difere-se por incorporar a análise de conteúdo à análise quantitativa e buscar entender o papel dos indivíduos no processo. O resultado condicionador da zona da cidade a que o falante pertence encontrado nas análises preliminares de 2018 incentivou o desenvolvimento de um trabalho que focasse também em aspectos sociais.

O trabalho está dividido em cinco capítulos, sendo este o primeiro. Há, no segundo, a conceitualização do fenômeno, exemplos semelhantes aos utilizados na pesquisa e a definição dos casos considerados. Na sequência, faz-se uma breve recuperação de estudos anteriores (Alkmim & Gomes 1982, Tenani 2003, Battisti 2005, Leal 2012, Heineck 2016), expondo o que já é conhecido sobre o tema e quais pontos apresentam divergências entre os pesquisadores. Sabe-se, a partir deles, que a porcentagem de aplicação do fenômeno é um pouco superior aos 20%. As hipóteses levantadas e as variáveis controladas foram estabelecidas a partir desta revisão bibliográfica. Espera-se, de acordo com parte da literatura, que a similaridade das vogais favoreça o processo, que a estrutura da primeira palavra tenha peso relevante e que homens apresentem uma proporção de aplicação levemente maior em comparação ao gênero feminino.

Após esse percurso, estabelecem-se as bases teóricas que ancoram o trabalho: Labov (2008) e sua Teoria de Variação e Mudança Linguística; Labov (2001) e sua formulação da

Árvore de Decisão. Consideram-se também as contribuições de Bell (1984), Schilling-Estes (1998), Baugh (2001) e Eckert (2003) sobre Estilo e suas sugestões de aprimoramento da proposta laboviana (2001).

O terceiro capítulo ocupa-se dos objetivos definidos e da metodologia empregada para respondê-los. Descreve o procedimento das entrevistas sociolinguísticas, o projeto LínguaPOA - fonte do material aqui utilizado e para o qual a autora do presente trabalho contribuiu realizando entrevistas sociolinguísticas na condição de bolsista de iniciação científica -, os critérios de estratificação dos informantes e as variáveis previsoras controladas. Há ainda a explicação das duas formas de análise realizadas, a estatística e a de conteúdo, e as pretensões que se tem com cada uma delas.

O penúltimo capítulo apresenta os resultados. Em um primeiro momento, expõem-se os números encontrados com a análise de regra variável e as diferenças e semelhanças em comparação aos estudos apresentados no capítulo teórico. Em seguida, selecionam-se quatro dos dezesseis indivíduos para observar minuciosamente, com a intenção de investigar alguns dos estilos contextuais presentes em suas entrevistas e verificar se existe alguma relação entre o apagamento e determinada categoria da Árvore de Decisão. Ao final estão as conclusões, onde encontram-se sintetizadas as principais descobertas da pesquisa, bem como as questões que permaneceram em aberto e configuram, portanto, caminhos possíveis de análises futuras.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Haplologia

A haplologia, conforme conceitua Crystal (2008, p.224), é um fenômeno fonético-fonológico que acontece no nível da frase, onde a sílaba final da palavra à esquerda sofre apagamento por similaridade de traços com a sílaba inicial do vocábulo seguinte. Trata-se de um processo de sândi externo, isto é, uma alteração de sons nas extremidades das palavras por consequência do ambiente em que estão inseridas, geralmente envolvendo sílabas foneticamente semelhantes (Crystal 2008, p.422).

Neste trabalho, serão analisadas somente sequências de palavras que terminem e iniciem por sílabas com as consoantes /t/ e /d/ na posição de onset. A escolha por examinar apenas contextos com oclusivas alveolares em onset silábico foi feita levando em consideração estudos anteriores (Alkmim & Gomes 1982) que definiram como necessária a semelhança das consoantes envolvidas no processo. Ou seja, a única diferenciação aceita entre elas é de vozeamento, sendo /t/ [-vozeado] e /d/ [+vozeado].

É consenso nas pesquisas (Alkmim & Gomes 1982, Tenani 2003, Battisti 2005, Pavese 2006a, Leal 2012) sobre o tema que, para que o fenômeno ocorra, a primeira sílaba envolvida deve ser fraca. Tendo isso em vista, não foram computadas palavras à esquerda com sílaba final tônica, restringindo os dados a cenários em que ou ambas fossem átonas, ou ao menos a primeira sílaba fosse átona. O limite da frase entoacional também foi utilizado como critério selecionador. Além disso, outras situações com pausas que desfizessem a adjacência entre os segmentos foram desconsideradas, como risadas, hesitações ou ênfases.

Abaixo estão alguns exemplos de realização da haplologia sintática produzidos por falantes porto-alegrenses. Todos os excertos foram retirados do *corpus* LínguaPOA.

(1) Ela tem uns cachorrinhos legais e desde de que meu cachorro faleceu eu sinto muita sauda' **de** ter um cachorro e tal. (Informante 110)

Em “Sauda[de] de ter” existe a similaridade plena dos segmentos, o que será chamado de CIVI, ou seja, consoante igual e vogal igual. As consoantes envolvidas são ambas vozeadas e a vogal possui traço [+alto].

(2) Eu gosto bastan’ **da** zona sul, questão da natureza e poder beber per’ **do** Guaíba.  
(Informante 129)

No trecho acima, vemos a realização de “Bastan[te] da zona sul”, onde os segmentos diferem em vozeamento das consoantes e em traço das vogais, /i/ [+alto] e /a/ [-alto], a combinação CDVD. Já em “Per[to] do Guaíba” as vogais são iguais e as consoantes diferentes, formando CDVI. Ambos os casos apresentam apagamento da sílaba final à esquerda, caracterizando haplologia.

(3) O filme que eu mais gosto é mui’ **difícil** de escolher, eu posso to’ **dia** falar um diferente. (Informante 129)

“Mui[to] difícil” é mais um exemplo da combinação CDVD, onde as sílabas possuem tanto consoantes como vogais distintas. Outra possibilidade de contexto é quando as consoantes são as mesmas mas não as vogais, como em “To[do] dia” - a formação CIVD. Apesar de diferirem na igualdade dos segmentos, houve apagamento nas duas situações.

(4) Provavelmen’ **tinha** história com a hora da historinha no colégio, mas eu não me lembro. (Informante 77)

Por fim, “Provavelmen[te] tinha”, que assim como no exemplo (1) apresenta igualdade de vogais e consoantes, mas dessa vez com a sequência [t+t]. Desse modo, percebe-se que existem possibilidades contextuais variadas que permitem a aplicação do fenômeno, e todas essas foram consideradas neste trabalho<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A igualdade dos segmentos está sistematizada no Quadro 2, pág 33.

## **2.2 Revisão de literatura sobre o fenômeno**

### **2.2.1 Alkmim & Gomes (1982)**

As autoras discorrem sobre a haplologia no contexto de sílabas CV seguidas por C(C)V e buscam a formalização da regra da supressão. Afirmam que estilos muito cuidadosos ou situação de realce inibem o processo. Consideram que, assim como proposto em outros estudos (Harris 1969), a velocidade da fala possui um papel condicionador, da mesma forma que o status funcional da palavra envolvida no apagamento. No que se refere ao papel das consoantes, argumentam que não basta que elas tenham o mesmo ponto de articulação - como em “campo perigoso” ou “sabe beijar” - pois, nesses casos, o que aconteceria é na verdade a supressão da vogal final e por consequência o encontro de duas consoantes idênticas que seguem sendo pronunciadas. É preciso que haja queda da sílaba por inteiro, não a supressão da vogal somente. Isso reforça a tese de que a haplologia se limita a contextos com /t/ e /d/ subjacentes, consoantes que possuem os traços [+coronal, -contínuo, -nasal]. Quanto às vogais envolvidas, as autoras sugerem que a primeira vogal deve ter o traço [+alto], ou seja, /i/ e /u/, e serem ambas átonas. Elaboram, então, a seguinte regra: “A supressão da sílaba irá ocorrer com as dentais, exceto a nasal, quando as sílabas envolvidas no processo forem ambas átonas e a primeira vogal tiver o traço [+ alto]” (Alkmim & Gomes 1982, p.51).

### **2.2.2 Tenani (2003)**

O estudo da autora concentra-se na fala paulista. Nele, os participantes são convidados a realizar a leitura de sentenças elaboradas previamente que reproduzem contextos de haplologia. O experimento foi pensado para que houvesse similaridade com o estudo anterior de Frota (1998) acerca do português europeu, o que permite uma comparação de resultados. Quanto às demais pesquisas com o mesmo tema, a autora questiona a importância da velocidade de fala sugerida por Alkmim & Gomes (1982), assim como a relevância do status informacional

proposta por Perini (1984). Tenani tem interesse em investigar se algum domínio prosódico, como a frase fonológica, a frase entoacional ou o enunciado fonológico, bloqueia a haplologia.

Seus resultados apontam que em domínios prosódicos mais altos o processo tende a ocorrer um pouco menos, mas que nenhuma fronteira prosódica bloqueia a sua aplicação. Em relação ao trabalho de Frota (1998), reconhece a semelhança de sensibilidade à estrutura prosódica, sendo o domínio da frase fonológica o contexto ideal. No que diz respeito ao contexto segmental, observa em seus dados que a haplologia não acontece em sequências /ti+di/, aparece em /di+ti/ e é favorecida quando as sílabas são iguais, como em /di+di/ ou /ti+ti/. Segundo as afirmações de Alkmim e Gomes (1982), ambas as sílabas precisam ser átonas para que o fenômeno seja possível. Tenani decide testar essa suspeita e, para isso, considera três cenários de tonicidade: ambas átonas, apenas a sílaba final da primeira palavra sendo átona e apenas a sílaba inicial da segunda palavra sendo átona. Constata com isso que sílabas tônicas na segunda posição não bloqueiam a haplologia, apenas quando a palavra à esquerda é oxítone. Percebe ainda que a possibilidade de choque de acentos não impede a realização do fenômeno.

### **2.2.3 Battisti (2005)**

Para investigar a aplicação da haplologia, Battisti (2005) realiza uma análise de 24 entrevistas do *corpus* VARSUL. Seus informantes possuem nível superior de escolaridade e são nativos da cidade de Porto Alegre. Diferentemente dos estudos de Alkmim e Gomes (1982) e Tenani (2003), Battisti inclui a análise quantitativa em sua pesquisa. O percentual de aplicação encontrado foi de 21% em 1341 dados. Em seus resultados, a autora tem como variáveis linguísticas selecionadas a qualidade das vogais - onde a similaridade favorece a aplicação da haplologia - e a posição em relação à frase fonológica, sendo dentro da frase fonológica a favorecedora. Os fatores sociais escolhidos para serem controlados, sexo e idade, não foram selecionados como condicionantes. Por acreditar que se trata de um fenômeno abaixo do nível da consciência e de condicionamento interno, Battisti não esperava um papel significativo das variáveis extralinguísticas. Esclarece a autora: “No estudo de haplologia, a variável dependente

não é emblema de um grupo social a que se atribua valor, e passa relativamente despercebida dos usuários” (Battisti 2005, p.79).

#### **2.2.4 Leal (2012)**

Em sua tese de 2012, Leal compara a realização de dois processos fonológicos - a haplologia e a elisão silábica - nas cidades paulistas de Campinas e Capivari. Seu *corpus* reúne 48 gravações e os entrevistados obedecem aos requisitos de gênero, faixa etária e escolaridade - as variáveis sociais controladas pela autora. Leal reconhece que os fenômenos de queda de sílaba são usualmente tratados separadamente na literatura da área. Isso porque enquanto na haplologia as consoantes são ou as mesmas ou diferem apenas em vozeamento, na elisão silábica as distinções consonantais podem ser maiores. No primeiro caso, teríamos dados com /t/ e /d/ subjacente, já no segundo seria possível, por exemplo, o contexto /t + n/. Neste experimento foram controladas como variáveis linguísticas o número de sílabas, a prosódia, o contexto segmental consonantal e vocálico, assim como a estrutura silábica e métrica. Também foi observada a frequência com que os itens lexicais apareceram nas entrevistas.

Em 5628 dados, Leal encontrou 17,3% de aplicação em Capivari e 24,3% em Campinas. As variáveis extralinguísticas não foram selecionadas em nenhuma das rodadas realizadas, fortalecendo a interpretação de condicionamento interno da haplologia sintática. Os resultados confirmam a hipótese levantada pela autora de que não há bloqueio de queda de sílaba em nenhum nível prosódico. O contexto consonantal favorecedor é aquele que envolve duas coronais e, quanto ao vocálico, a igualdade dos elementos não mostrou ter influência significativa. Sobre a estrutura silábica, Leal observa que existe uma pequena tendência ao apagamento em contextos com duas sílabas simples (CV + CV), e que sílabas com onset ramificado não impedem a aplicação do fenômeno, ao contrário do sugerido por Alckmim e Gomes (1982). Por fim, a variável responsável pela estrutura métrica aponta o privilégio de três cenários, sendo eles: sílaba fraca seguida de duas fortes, sílaba fraca entre forte e clítico, e sílaba fraca entre sílabas com acento primário e secundário. Além disso, a autora relata que caso haja choque de acentos como consequência do apagamento, o processo é desfavorecido. Na análise dos itens lexicais, apenas

Campinas apresentou sensibilidade à frequência de palavra, sendo as pouco recorrentes levemente desfavorecedoras do processo.

### **2.2.5 Heineck (2016)**

Utilizando 16 entrevistas sociolinguísticas do *corpus* VARSUL, Heineck estuda a realização da haplologia em Lages e encontra 26% de aplicação em 1407 dados. Controla, como variáveis linguísticas, o contexto segmental consonantal e vocálico, a igualdade de segmentos, o número de sílabas da primeira palavra, a estrutura silábica, a estrutura métrica e a estrutura prosódica. As variáveis extralinguísticas escolhidas para serem monitoradas foram sexo, idade e escolaridade. Seus resultados indicam, como condicionadores, o contexto segmental consonantal - onde a combinação DT, como em “marido trabalhava”, favorece a realização - e vocálico, sendo duas vogais coronais as favorecedoras. Foram selecionadas ainda a estrutura silábica da primeira palavra, com um leve favorecimento de sílabas com ataque complexo CCV, e da segunda palavra - também o grupo CCV -, e a estrutura métrica, privilegiando acentos separados por mais de uma sílaba, como em “vontade de estudar”. Já a variável social sexo, a última selecionada, está bastante próxima do ponto neutro e não pode ser considerada condicionadora do processo. Heineck diz em suas considerações finais que seria preciso investigar o motivo dessa seleção e que “[...] para tanto, parece necessário verificar a possível interferência sobre os nossos resultados do papel dos informantes, tomados individualmente, aliada ao inventário dos itens lexicais, a partir de uma análise com variáveis contínuas” (Heineck 2016, p.43).

## **2.3 Labov e a Teoria de Variação e Mudança Linguística**

Este trabalho, ao compreender a haplologia sintática enquanto um fenômeno variável, se ancora na Teoria da Variação de William Labov (2008), e utiliza suas contribuições na área para produzir entrevistas sociolinguísticas e analisá-las. A abordagem proposta pelo autor distancia-se de estudos anteriores - como os estruturalistas e os gerativistas - não por negar suas contribuições, mas por entender que apresentam limitações em suas concepções de língua. Labov

(2008) dá um passo importante ao desvincular a noção de estrutura da noção de homogeneidade, defendendo a existência de uma heterogeneidade estruturada, onde não há caos ou falta de ordem, mas sim um sistema composto por regras e unidades variáveis. Em uma comunidade de fala plural e diversificada, é esperado que seu sistema linguístico siga também essas características. Nesse sentido, Labov afirma que “a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais” (2008, p.238). A descrição minuciosa dessas diferenças ordenadas cabe ao linguista. Para compreender um determinado fenômeno, é preciso que as condições possíveis para que a mudança ocorra sejam especificadas, assim como suas motivações linguísticas e sociais. Labov contribuiu também para essa investigação, dando diretrizes para a execução de entrevistas sociolinguísticas e para a análise estatística dos dados empíricos coletados.

O autor questiona ainda o rótulo de “sociolinguística” atribuído ao seu trabalho. Sendo a língua uma forma de comportamento social e não podendo ser isolada de seu aspecto interativo, pesquisas que integram elementos extralinguísticos em sua análise não deveriam ser consideradas uma área separada da linguística, pois reconhecem o que há de fundamental no campo - a natureza social da linguagem. O que se observa é que, ao longo do tempo, essa distinção dicotômica entre língua e fala privilegiou o estudo da primeira, deixando investigações sobre o falante real em segundo plano.

A linguística, portanto, tem sido definida de tal modo a excluir o estudo do comportamento social ou o estudo da fala. A definição tem sido conveniente para os formuladores, os quais, por inclinação pessoal, preferiram trabalhar com seu próprio conhecimento, com informantes individuais ou com materiais secundários.

(Labov 2008, p.219)

Observa-se que, no exame de certos períodos de línguas naturais, formas variantes concorrem entre si, podendo ou não levar a uma alteração na língua. Exemplo disso é a marcação de plural no sintagma nominal do português brasileiro. Há a possibilidade de flexionar o artigo, o substantivo e o adjetivo que segue, como em “as flores vermelhas”, ou manter a marca de plural apenas no determinante, realizando, dessa forma, “as flor vermelha”. Enquanto a primeira

variante [s] carrega uma valoração social positiva por corresponder à forma padrão, a segunda [Ø] possui um estigma de não conformidade à norma padrão.

Labov entende que as variantes são formas distintas mas de mesmo significado e que o processo de variação é dirigido por fatores internos e externos correlacionados. O primeiro grupo de fatores pode ser compreendido como um conjunto de circunstâncias linguísticas que condiciona o fenômeno, isto é, aspectos relacionados ao tempo e ao modo verbal, às classes de palavras, à estrutura silábica, e assim por diante. Já elementos como gênero, faixa etária, classe social, grau de formalidade do discurso, ou seja, tudo aquilo que não estiver restrito ao sistema linguístico, integram o segundo grupo.

Labov defende também que, para que haja mudança, é preciso que exista variação. É possível, no entanto, que formas diferentes estejam em coocorrência sem que isso implique necessariamente em mudança em progresso, como é o caso da haplologia. Estudos anteriores (Battisti 2005, Heineck 2016) demonstraram que a taxa de aplicação do fenômeno nas cidades de Porto Alegre (RS) e Lages (SC) se mantém na média dos 20%, sem flutuações significativas que possam indicar uma tendência à mudança em curso. Ainda assim, a porcentagem da haplologia é consideravelmente alta, e o fenômeno possui caminhos de análise ainda não investigados, sendo pertinente um estudo mais detalhado sobre sua ocorrência.

## 2.4 Árvore de Decisão e Estilo

Em um primeiro momento, estilo, enquanto parte da sociolinguística variacionista laboviana, relaciona-se com a noção de prestígio e automonitoração da fala - ato que se estenderia em um *continuum* do modo mais casual ao mais cuidadoso. Uma alteração no estilo estaria acompanhada também de uma alteração no uso dos traços fonológicos e gramaticais, que oscilariam para a variante padrão conforme o nível de atenção aumentasse. Labov reconhece que a entrevista sociolinguística, forma canônica do pesquisador obter dados, restringe o indivíduo a estilos específicos normalmente próximos à fala monitorada. O entrevistador deve, portanto, buscar amenizar esse fator, portando-se como um bom ouvinte e incentivando seu interlocutor a desenvolver os tópicos propostos do modo mais livre e confortável possível. Existem sinais

emitidos pelo falante que podem indicar uma mudança de comportamento linguístico, como pistas de modulação da produção vocal. Aconselha-se que o pesquisador esteja atento a alterações no ritmo, no volume da voz e na intensidade da respiração em contraste com o momento anterior - critérios que exigem um bom aparato técnico de gravação.

Labov (2003) percebe que, além das diferenças observadas entre sujeitos de grupos sociais distintos - a variação interpessoal -, há também a alternância de estilos na fala de um mesmo indivíduo, a depender da audiência ou do tópico discursivo.

Todo indivíduo alterna sua forma de falar, seja em situações de interação com estranhos, seja no convívio com seus familiares ou com os mais próximos. Esse é um dos princípios fundamentais da Sociolinguística, “não há falantes de estilo único”

(Labov 2003, p. 234).

Para examinar a variação do falante dentro do cenário da entrevista, Labov (2008) propõe os estilos contextuais, separados nos rótulos A, B, C, D e D'. No primeiro grupo (A) estariam os trechos que escapam das limitações impostas pelo formato, como conversas paralelas que o entrevistado possa ter com seus familiares ou comentários feitos antes do questionário de fato iniciar. O segundo grupo (B) diz respeito à fala monitorada, presente nas respostas a questões que o sujeito percebe ser parte estrutural da entrevista. No terceiro grupo (C) está a leitura de textos em estilo coloquial, no quarto (D) a leitura de listas de palavras e no quinto (D') a leitura de pares mínimos. O isolamento dos cinco estilos contextuais foi aplicado no estudo do autor (Labov 1966) com novaiorquinos pertencentes a diferentes classes sociais, experimento que deixou evidente a associação entre variação linguística e alternância de estilo.

Intencionando formular uma descrição mais elaborada da variação estilística no cenário das entrevistas, Labov (2001) aprimora as categorias de atenção à fala e desenvolve a proposta da Árvore de Decisão. Para o autor, a segmentação da Árvore é uma forma de dissecar as entrevistas sociolinguísticas, uma vez que mapeia indícios da variação intrafalante ao mesmo tempo em que permite uma comparação com o desempenho dos demais indivíduos. Define, para isso, oito subcategorias de contextos que aparecem usualmente em conversas, conforme indica a figura abaixo. Os eixos são divididos pela oposição discurso cuidadoso *versus* discurso casual, sendo a

parte de cima composta pelos segmentos cuja identificação se dá de forma mais objetiva, como a resposta e a narrativa, em contraste com aqueles de difícil definição, como *soapbox* ou tangencial.

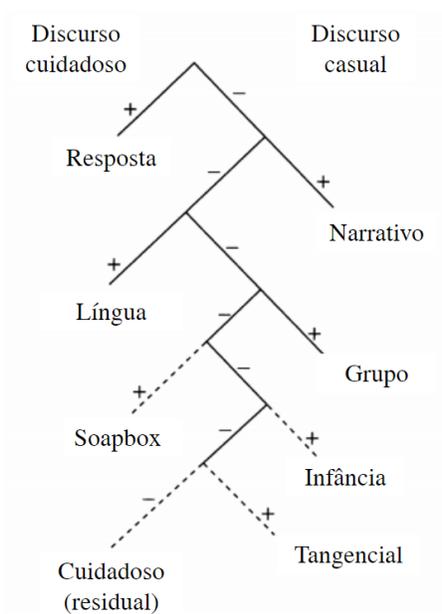


Figura 1. Árvore de decisão laboviana sobre variação estilística em entrevistas sociolinguísticas (adaptada de Labov 2001, figura 5.1, p.94)

À esquerda da Árvore e integrando o grupo do discurso cuidadoso estão os trechos da entrevista que são uma resposta direta à pergunta do entrevistador. Exemplo disso é o recorte abaixo<sup>2</sup>, correspondente à primeira fala da informante 42 durante a gravação.

D: A primeira pergunta é sobre a tua família, se ela é grande, se tu tem irmãos, se vocês se veem com frequência.

L: Minha família é enorme, mas, ahm... assim, depende, tem minha família de sangue e tem minha família de coração.

(Informante 42)

No topo à direita estão as narrativas. Labov distingue as pseudonarrativas - como, por exemplo, a enumeração de afazeres cotidianos - daquelas de cunho pessoal, onde o falante coloca

<sup>2</sup> Todos excertos de entrevistas utilizados aqui fazem parte do *corpus* LínguaPOA.

sua perspectiva nos relatos e demonstra um maior envolvimento com o tópico exposto, dramatizando eventos e inserindo divagações no meio. Situações envolvendo risco de morte, assim como a descrita abaixo pela informante 06, são uma fonte rica de dados, pois o falante revive um momento de grande tensão emocional e os efeitos disso tornam-se perceptíveis em sua fala.

[...] A minha filha quando nasceu teve um problema, teve um surto de cianose. Ela tinha três dias de vida. E a gente ligou pra Samu e a minha filha tava morrendo nos meus braços. E eu fiquei desesperada, não tinha o que fazer, e o rapaz da Samu me indicou que em vez de eu esperar a ambulância que eu fosse pro hospital mais próximo. E eu moro do lado da Santa Casa, entendeu? Aquilo ali... e depois, assim, que a minha filha ... quando a minha filha foi receber alta e tudo, quando a gente conversou com os médicos, assim, a médica falou pra mim: "Ah, olha, o que salvou a vida da tua filha foi a tua rapidez, a tua agilidade em poder chegar até aqui". Então, assim... O fato de eu morar perto do... praticamente do lado do hospital... foi uma coisa que salvou a vida da minha filha, então pra mim é ótimo que eu more num local que seja perto de hospitais, que seja perto de banco, que seja perto de tudo porque tudo pra mim é mais fácil do que a pessoa que mora muito longe e é distante dessas coisas, assim.

(Informante 06)

Questões acerca da língua, que convidam o entrevistado a fazer alguma reflexão linguística ou a expor sua avaliação sobre a fala de terceiros, estão situadas à esquerda da Árvore, no grupo de fala cuidadosa. Em tese, esse tipo de temática deixaria o falante auto-consciente, monitorando sua escolha de palavras e prestando atenção no próprio desempenho. No trecho a seguir pode-se observar que a informante 06, ao caracterizar moradores de bairros periféricos, adota uma postura cautelosa na seleção lexical. É comum que apareçam termos como “pessoas humildes” e que o entrevistado hesite antes de tecer algum julgamento, muito provavelmente com receio de ser interpretado como alguém preconceituoso.

D: E quanto à maneira de falar, tu percebe alguma diferença ou tu achas que não tem?

L: Ah sim, sim, depende do bairro, da localização. Quando é um local, assim, que é comunidades, que as pessoas são mais humildes, geralmente a maneira de falar é diferente, sabe, as pessoas falam muita gíria. Falam mais uma maneira mais informal, assim, sabe? Brincando, as pessoas gritam muito. Eu sei porque as minhas comadres, duas comadres minhas moram na Bom Jesus, então lá o pessoal grita demais, o som é alto, as pessoas falam alto. Aí vai pra Zona Sul as pessoas já falam baixinho, já é mais, né, aquela coisinha assim mais leve.

(Informante 06)

São entendidas enquanto *soapbox* manifestações de opinião com retórica enfática e repetitiva em que o entrevistado parece estar se dirigindo não apenas ao entrevistador mas também a uma audiência geral projetada. Costumam ser uma resposta direta a alguma pergunta do questionário, mas diferente da primeira ramificação da *Árvore*, existe aqui uma defesa de posicionamento e uma visão de mundo mais inflamada.

D: Tu chegou a participar de algum partido ou organização?

L: Não porque eu sempre fui avesso a partidos e organização. Eu até tentei, talvez eu tenha tentado participar, mas eu nunca... nunca me agradou a ideia de ser um ser ahm ... gregário e ligado a grupos por esse tipo de afinidade ideológica. Porque eu tenho a sensação de que todo o grupo exige muito em termos de coerência. É cem por cento do tempo com o grupo e a própria pessoa tem que tá o tempo inteiro coerente consigo mesmo, aí eu sinto que eu não... primeiro eu não sou capaz disso e segundo eu não quero fazer isso, então eu sempre evitei participar de grupos.

(Informante 38)

Na sequência reservada à infância estão aqueles momentos em que há, além do foco em histórias antigas, uma adoção da perspectiva infantil por parte do falante. É possível observar marcas linguísticas neste movimento, uma vez que ao assumir o ponto de vista da criança o entrevistado geralmente utiliza “nós” ou “a gente” ao invés de “eles”, como observa-se neste trecho:

Na sexta série a professora deu uma aula prática que a gente podia escolher peixe ou galinha e eu escolhi galinha, então a gente fez uma necropsia. A gente abriu, levei a traqueia pra casa, da galinha, foi o máximo. Na oitava série eu tive uma professora de matemática incrível que perdeu a chapa no meio da aula. Daí a gente começou a levar bala pra ela, bem dura pra ela comer, pra ver se a chapa caía, aquelas coisas assim, sabe. Eu tenho muitas boas lembranças.

(Informante 48)

Pertencem à categoria grupo, à direita, falas que são dirigidas a uma terceira pessoa - como um amigo ou familiar presente no mesmo ambiente. Já o rótulo residual corresponde aos trechos que, apesar de possuírem traços estilísticos, não se encaixam exatamente em nenhuma das outras ramificações. Todas respostas que tangenciam o assunto proposto pelo entrevistador,

mas desviam essencialmente do tópico, incluem-se no último segmento do discurso casual. Grande porção das entrevistas pode ser considerada tangente, uma vez que os entrevistados tendem a direcionar a temática para o que gostariam de discorrer. É o caso do excerto abaixo, onde a informante 78, ao ser perguntada sobre o uso de aplicativos digitais no seu cotidiano profissional, encontra abertura para contar o quanto é requisitada em seu meio e como o cenário publicitário tem apresentado dificuldades.

D: E tu deve usar bastante (aplicativos) para o teu trabalho.

L: Ah sim, com certeza, direto. Tipo “tem trabalho tal, a gente precisa chamar duas pessoas com X formato, com X perfis”. Sempre nos grupos, essas coisas, uso direto. Mas eu não gosto muito de postar as coisas que eu faço até porque as pessoas juram que eu sou agência de emprego, gente. Então assim ó, eu só posto alguma coisa no final do trabalho. Tipo, antes de fazer eu nunca posto porque é um saco, sério, é um saco. Tipo, eu adoraria ajudar todo mundo mas é que realmente assim ó, pelo menos uma vez por semana alguém vem me pedir coisa. E eu não tenho muito. A galera do mercado que me dá job tá vindo “Ana sabe de algum?” tipo, sabe? Apavorados. Então não tem o que fazer.

(Informante 78)

No entanto, apesar da aplicação da *Árvore* funcionar em certas entrevistas, é possível apontar problemas na sua elaboração. Em primeiro lugar, é difícil quantificar a atenção dada ao discurso. Percebe-se que, em alguma medida, os falantes sempre moldam sua fala para que ela se encaixe na situação comunicativa. Essas escolhas podem servir a variados propósitos, como passar uma certa impressão a seu interlocutor ou vincular-se simbolicamente a determinado grupo. Há também o desafio de contornar a assimetria de poder do formato entrevista. O entrevistador irá, geralmente, deter mais controle sobre os rumos da conversa, além de possuir um status social de destaque por estar vinculado a uma universidade enquanto pesquisador. É preciso reconhecer ainda as artificialidades incontornáveis deste modelo. Mesmo as narrativas de experiência pessoal - uma das ramificações do discurso casual - são mais próximas de monólogos do que seriam em interações cotidianas, uma vez que não há contribuição ativa do entrevistador durante a gravação. Ou seja, o que analisamos nos áudios precisa passar por esse filtro interpretativo, tendo o pesquisador a adequada percepção do cenário em que o diálogo está inserido.

Em um segundo momento e assimilando as críticas, os estudos sobre estilo irão se expandir e se diversificar. Reconhece-se, nestes novos trabalhos (Schilling-Estes 1998, Bell 1984, Baugh 2001, Eckert 2003, entre outros), a multiplicidade de fatores envolvidos durante as entrevistas sociolinguísticas. Da mesma forma que existem elementos externos afetando o falante - como a formalidade da situação, os tópicos abordados e o público ao seu redor - existem questões internas que também são capazes de moldar seu discurso. Esses aspectos interiores podem estar relacionados, por exemplo, com o desejo de projetar um tipo específico de persona durante a conversa (Eckert 2003), ou mesmo com como o indivíduo se posiciona em relação ao entrevistador. Nem todas as pessoas fazem a mesma conceitualização do evento entrevista: enquanto alguns percebem a situação com mais formalidade, outros entendem como uma conversa descontraída.

Encontrar parâmetros homogêneos para mensurar o que é proposto na *Árvore laboviana* pode revelar-se uma tarefa desafiadora. Em muitos momentos os estilos apresentam mesclas, dificultando o trabalho de segmentação. Por enxergar limitações no modelo binário de Labov - que restringe as possibilidades à fala monitorada e à fala casual -, Baugh (2001) sugere uma reformulação da *Árvore*. Nesta nova forma de operar, conforme ilustra imagem a seguir, as categorias informal/formal estão dispostas ao fim de cada ramificação, o que permite considerar exceções e convida o pesquisador a acrescentar dados etnográficos observados na ida à campo. Tal proposta responderia a outra crítica sua ao modelo laboviano, a de que muitos estilos estariam incluídos no grupo residual, uma generalização que considera indevida.

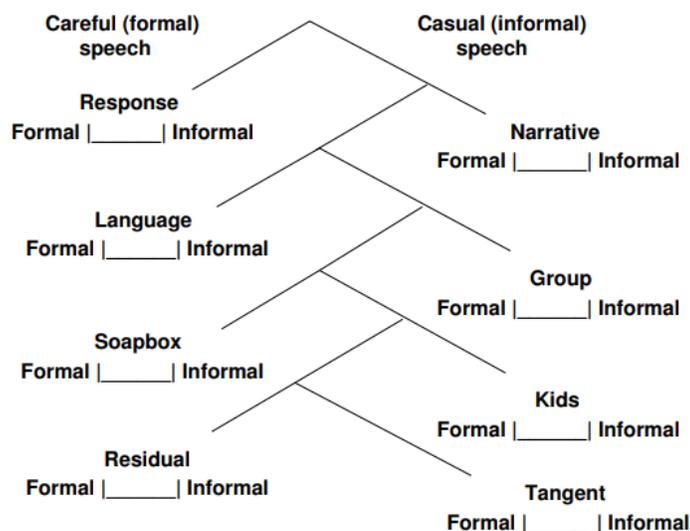


Figura 2 - A Árvore de Decisão reformulada por Baugh (2001).

Bell (1984), a partir de sua pesquisa com locutores de rádio da Nova Zelândia, desloca os estudos sobre estilo da perspectiva de atenção dada à fala para sua concepção de *Audience Design*. Essa formulação surge a partir das reflexões propostas na Teoria da Acomodação (Coupland & Giles 1988), onde entende-se que o falante elabora estratégias linguísticas para adequar-se ou afastar-se de seu interlocutor, disfarçando ou acentuando as diferenças entre eles a depender de seu propósito. De modo parecido, Bell reconhece que se deve considerar a função de todos indivíduos envolvidos nas situações comunicativas. Percebendo em suas observações que os mesmos jornalistas com o mesmo conteúdo temático mas públicos distintos produziam variação estilística, o autor conclui que o interlocutor possui um papel central no processo. Um falante individual, tendo sempre uma audiência em mente, altera seu discurso buscando a aprovação de seus ouvintes. Esse modelo teórico pode ser expandido a outros cenários e, se considerarmos o contexto da entrevista sociolinguística, parece pertinente pensar na relação prévia estabelecida entre entrevistador e entrevistado, qual grau de intimidade há entre eles. Outra contribuição de Bell (1984) é a aproximação que o autor faz entre a variação intrafalante e interfalante, argumentando que a primeira tem origem na segunda e a reproduz. Tal percepção, ao acrescentar o ouvinte como elemento decisivo e motivador das mudanças,

compreende a variação estilística individual como reflexo do contexto social, das interações entre pessoas de um determinado grupo.

Como argumenta Eckert (2003, pág 2), “estilo não é uma coisa, mas sim uma prática”. Integrantes de uma certa comunidade, ao empregar uma variante linguística, o fazem com intenções de natureza social, uma vez que estamos nos posicionando no mundo quando falamos. Essa atividade performativa pode englobar outros elementos de um sistema semiótico complexo, como roupas, gestos, posturas e gostos musicais. A composição plural realizada pelos falantes marca sua agentividade no processo, ou seja, indica que a escolha por uma variante é menos um reflexo passivo de sua macrocategorização social e mais uma resposta a questões como “que imagem desejo projetar?” ou “como me percebo no mundo?”. Eckert (2003) compreende essas novas possibilidades de categorização social - que vão além da clássica estratificação por idade, gênero e classe - e reconhece que a variação linguística emerge dentro de práticas sociais e tem papel na construção de identidades e estilos de personae. A autora irá defender ainda que as categorias da Árvore tenham em vista as especificidades da população entrevistada, uma vez que seus traços sociais podem impactar o que produzem estilisticamente. Em comparação a um jovem, um idoso que relembra a infância atribui significados distintos àquilo que acessa em sua memória, por exemplo. Essa atenção às particularidades dos falantes reafirma a preocupação de Eckert com o protagonismo do sujeito enquanto produtor de variação estilística, e sugere novos caminhos de análise.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Objetivos

Descrever, com base em análise estatística, o fenômeno fonético-fonológico intitulado haplologia sintática, sistematizando seus fatores condicionantes e comparando os resultados com estudos similares realizados anteriormente por demais pesquisadores. Através de uma análise de regra variável, investigar a proporção total de aplicação do fenômeno em Porto Alegre em dados recentemente coletados.

As questões norteadoras são as seguintes:

(I) Qual o peso de influência das variáveis linguísticas e sociais escolhidas para serem controladas? Quais delas são condicionadoras do processo?

(II) Os resultados aproximam-se de estudos anteriores ou existem diferenças? A porcentagem de 21% de aplicação encontrada em Battisti (2005) se mantém?

(III) Qual o papel dos indivíduos na realização do fenômeno?

(IV) É possível afirmar que algum estilo de fala favorece ou desfavorece a aplicação?

#### 3.2 Procedimentos metodológicos da análise de regra variável laboviana

##### 3.2.1 Entrevistas

A pesquisa começou a ser desenvolvida durante o período de iniciação científica, com a realização de entrevistas sociolinguísticas que iriam integrar o *corpus* aqui utilizado, o LínguaPOA, um acervo de entrevistas sociolinguísticas da UFRGS, composto por informantes porto-alegrenses que atendem aos seguintes critérios: 4 zonas (central, norte, sul, leste), 2 bairros por zona (por renda domiciliar média mensal em salários mínimos - para que fosse possível, desta forma, selecionar um bairro de renda alta e outro de renda baixa), 3 grupos etários (20-39 anos, 40-59 anos, 60 ou mais anos), 3 níveis de escolaridade (fundamental, médio, superior) e 2 gêneros (masculino e feminino). As atuais 103 entrevistas do *corpus* atendem a todos os critérios

de estratificação nos níveis médio e superior de escolaridade. Os informantes são ou nativos da cidade de Porto Alegre, ou indivíduos que se mudaram para a capital gaúcha ainda quando pequenos.

A construção coletiva do acervo LínguaPOA - projeto coordenado pela Profa. Dra. Elisa Battisti (Instituto de Letras da UFRGS) - e a transcrição do material pelos colegas de pesquisa, foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Foi utilizado, para a captação dos áudios, um gravador digital Sony. A duração média de cada entrevista é de 50 minutos, com tópicos que versam sobre a vida familiar dos informantes, suas atividades cotidianas, lembranças de infância, percepções da cidade, entre outros. A seleção dos temas foi feita pensando, por um lado, em envolver o sujeito naquilo que está sendo conversado - o que diminui seu automonitoramento -, mas também pela relevância das questões, uma vez que se tem interesse nos posicionamentos e colocações do entrevistado. Visando anonimizar os informantes e os demais mencionados durante a gravação, todas as entrevistas aqui transcritas fazem uso de pseudônimos.

Apesar de haver um roteiro estruturado como orientador das conversas, buscou-se manter uma flexibilidade no desenvolvimento dos assuntos. Alguns entrevistados sentiam-se mais à vontade para discorrer sobre o dia a dia no trabalho, outros preferiam falar sobre seus amigos e evocar histórias do passado. Na maioria das vezes, esse desejo não era verbalizado, sendo necessário, portanto, que o entrevistador tivesse sensibilidade e observação atenta para decifrar os sinais de seu interlocutor. Esses aspectos que não são organizados através do discurso, mas que se manifestam no corpo - os “gestos involuntários” conforme conceitualiza Goffman em *A representação do eu na vida cotidiana* (2002) - podem funcionar também como material interpretativo para o pesquisador. Nesse sentido, a experiência em campo trouxe uma riqueza de elementos contextuais que muito colaborou para a etapa de análise de conteúdo.

Entende-se que, por mais que a intenção seja buscar uma situação de fala espontânea e neutralizar a presença do entrevistador, o que é captado pelo gravador não corresponde exatamente ao que o informante manifestaria em seu dia a dia em interações com amigos. Ainda assim, percebe-se no *corpus* trechos de conversas bastante desenvoltas, em que os indivíduos

fazem piadas e adotam uma postura descontraída. Como reconhece Labov (2008), há uma distância entre a fala natural e o que conseguimos extrair em uma entrevista:

Os problemas que nós, linguistas, enfrentamos ao lidar diretamente com os dados da língua não são exclusivos da nossa disciplina. É um problema geral em todas as ciências sociais. Garfinkel (1967) demonstrou que existe em todo campo de pesquisa uma lacuna inevitável entre os dados brutos, tal como ocorrem, e os protocolos que registram tais dados como matéria prima para elaboração teórica.

(Labov, 2008, p.235)

De qualquer forma, como pontua Schilling-Estes (2008), não necessariamente o melhor tipo de dado é aquele proveniente de conversas informais com baixo nível de monitoramento, uma vez que mesmo nesses contextos existe algum tipo de performance. Seria preciso, portanto, primeiro reconhecer a importância dos estilos conscientes para então analisá-los com atenção. Ao entender o valor do discurso cuidadoso, as entrevistas sociolinguísticas funcionam como uma poderosa ferramenta para acessar diferentes estilos na fala de um mesmo indivíduo.

### 3.2.2 Variável resposta

Em um segundo momento, foi feita a codificação de cada áudio, para extrair os contextos de haplologia e contabilizar suas aplicações. Para isso, os contextos observados restringiram-se a sequências com oclusivas alveolares, isto é, /t/ e /d/ em sílaba final e inicial. A haplologia foi tratada estatisticamente como uma variável binária, ou seja, o apagamento da sílaba final à esquerda é considerado como aplicação da haplologia e a manutenção como não aplicação.

Sabendo que, como apontam estudos anteriores (Tenani 2003, Pavezi 2006), contextos com a sílaba final da palavra à esquerda acentuada bloqueiam a haplologia, assim como o monomorfema *de* na primeira posição, esses eventos foram, portanto, desconsiderados. Além disso, não foram contabilizadas situações em que o informante fez algum tipo de pausa separando as palavras, conforme orienta Pavezi: “De acordo com a literatura, a presença de pausa

em um contexto de regra fonológica desfaz a adjacência entre os segmentos, impedindo, dessa forma, a aplicação da regra (Pavezi, 2006, p.48).”

A seguir, apresentam-se alguns exemplos de ocorrências possíveis do fenômeno:

- (1) la[**d**]o [b]a cama  
 tan[**t**]o [t]empo  
 den[**t**]ro [b]e casa  
 ain[**d**]a [t]ava

### 3.2.3 Variáveis previsoras

As variáveis previsoras extralinguísticas escolhidas para serem monitoradas foram:

- (I) Gênero - masculino/feminino;  
 (II) Zona - central/ sul/ norte/ leste;

Usaram-se entrevistas de 16 informantes: dois homens e duas mulheres de cada uma das quatro zonas de Porto Alegre. Por entender que a haplologia possui variação estável e não configura mudança em progresso, o monitoramento de faixas etárias distintas para estudo do estágio intermediário não pareceu ser um controle necessário. Além da idade, o nível de escolaridade dos informantes também não foi controlado, portanto nenhum desses aspectos apresenta equilíbrio na distribuição.

No quadro 1 é possível observar a distribuição equilibrada dos 16 informantes por gênero e zonas. Os informantes são identificados pelos números de suas entrevistas no acervo LínguaPOA.

Inf	Gênero	Zona <sup>3</sup>
02	masculino	central
03	masculino	central
05	feminino	central
06	feminino	central
38	masculino	norte
42	feminino	norte
48	feminino	norte
57	masculino	norte
77	feminino	leste
78	feminino	leste
91	masculino	leste
92	masculino	leste
110	masculino	sul
113	feminino	sul
129	masculino	sul
132	feminino	sul

Quadro 1: Os 16 informantes do acervo LínguaPOA  
 Fonte: Elaborado pela autora

Quanto às variáveis linguísticas, as escolhidas para serem observadas foram: igualdade dos segmentos, estrutura silábica e tonicidade das sílabas.

<sup>3</sup> As cores escolhidas para sinalizar cada zona seguem o padrão utilizado pelas linhas de ônibus de Porto Alegre.

Na variável igualdade dos segmentos, considera-se que há quatro possíveis combinações de consoantes e vogais nos contextos de haplologia analisados. Quando as consoantes são iguais mas as vogais diferentes (CIVD), como em “a gente tava”; quando tanto as consoantes como as vogais são as mesmas (CIVI), como em “apartamento todo”; quando as consoantes são diferentes mas as vogais semelhantes (CDVI), como em “dentro do possível”; e por fim, quando tanto as consoantes como as vogais são distintas (CDVD), como em “gosto de estudar”. O objetivo ao controlar essa variável é identificar se segmentos iguais possuem ou não maior tendência ao apagamento.

Na variável estrutura silábica, separaram-se os contextos em dois grupos. No primeiro, referente à composição da sílaba final da palavra à esquerda, três foram as possibilidades. Uma combinação CCV, como em “dentro de casa”, CV como em “noite de festa” ou CVC como em “partes da cidade”. Quanto à estrutura da sílaba inicial da segunda palavra, as combinações foram amalgamadas em dois grupos. Sílabas formadas por CCV, CV, e CVV foram interpretadas como CV, enquanto CVVC e CVC (ambas com coda) foram unidas como CVC. Isso porque, em análise preliminar, percebeu-se que alguns contextos apresentavam poucas ocorrências (menos de 10% do total de dados) e dificultavam a boa operação do programa. Levando em consideração, então, a distribuição dos dados, optou-se pela reorganização. A intenção com a escolha dessa variável foi observar se alguma das estruturas citadas pode favorecer a aplicação do fenômeno.

Na variável tonicidade das sílabas, tendo em vista que oxítonas na primeira posição bloqueiam o fenômeno, somente foram consideradas como possibilidade para a palavra à esquerda sílabas finais átonas. Quanto à palavra na segunda posição, foram avaliadas tanto sílabas iniciais tônicas quanto átonas, formando o par AT no primeiro caso e AA no segundo.

Os itens lexicais foram controlados como variável aleatória e divididos em palavra à esquerda e palavra à direita. Também foi considerado o papel dos indivíduos. Esse grupo foi acrescentado como variável aleatória no modelo linear generalizado de efeitos mistos.

Variáveis linguísticas	Variantes	Exemplo
Igualdade dos segmentos	Consoante igual, vogal igual (CIVI)	Apartamento <b>todo</b>
	Consoante igual, vogal diferente (CIVD)	A gente <b>tava</b>
	Consoante diferente, vogal igual (CDVI)	<b>Dentro do</b> possível
	Consoante diferente, vogal diferente (CDVD)	<b>Gosto de</b> estudar
Estrutura silábica da primeira palavra	Consoante + consoante + vogal (CCV)	<b>Dentro</b> de casa
	Consoante + vogal (CV)	Noite de festa
	Consoante + vogal + consoante (CVC)	<b>Partes</b> da cidade
Estrutura silábica da segunda palavra	Consoante + vogal (CV)	Lado <b>de</b> casa
	Consoante + vogal + consoante (CVC)	Estuda <b>também</b>
Tonicidade	Átona + tônica (AT)	Bastante <b>tempo</b>
	Átona + átona (AA)	Torcida <b>declarada</b>

Quadro 2: Variáveis linguísticas previsoras consideradas na análise  
 Fonte: Elaborado pela autora

### 3.2.4 Análise estatística

Para a análise estatística deste trabalho utilizou-se a Plataforma R (versão 3.4.4) e a interface RStudio. Primeiro, foi feito um teste de qui-quadrado (de Pearson) com as variáveis linguísticas e sociais controladas e incluiu-se no modelo todas aquelas com valor-p significativo. Então, realizou-se a regressão logística em modelo linear generalizado de efeitos mistos, incluindo-se nos modelos as variáveis com valor-p significativo no teste de qui-quadrado. Usou-se o pacote lme4 e função glmer, intencionando medir a relação entre a variável resposta -

a haplologia sintática - e as variáveis previsoras. Conforme explica Oushiro (2017) “O interesse nas análises de regressão logística é verificar o efeito simultâneo de múltiplas variáveis previsoras, a fim de chegar a um modelo para descrever, explicar e prever o comportamento da variável resposta”.

Ao verificar, em um primeiro modelo estatístico, que todos os fatores das diferentes variáveis apresentavam valores-p iguais ( $2e-16^{***}$ ) e supor que isso devia-se a interferência de uma variável aleatória sob a outra, optou-se pela elaboração de dois modelos alternativos - um com item lexical e outro com indivíduo.

### **3.3 Procedimentos da análise de conteúdo e análise dos estilos contextuais das entrevistas sociolinguísticas**

Além da análise de regra variável, com o tratamento estatístico dos dados coletados, propõe-se uma análise do conteúdo de quatro entrevistas selecionadas. Conforme conceitua Laurence Bardin (1977) “A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. O autor compara o pesquisador a um detetive, já que ele deve, em seu trajeto, descobrir vestígios, formular hipóteses e decifrar os índices postos em evidência por seus métodos.

O interesse que existe aqui é mapear a identidade dos indivíduos, examinando suas preferências, seus vínculos afetivos, os lugares por onde transitam, os espaços que ocupam e, dessa forma, identificar suas práticas sociais. Para isso, observaram-se as respostas e os posicionamentos dos participantes durante a entrevista, assim como seus silêncios e as questões que preferiram não responder ou que responderam de modo evasivo.

Esse percurso qualitativo inclui também um olhar para os estilos contextuais adotados pelos indivíduos ao longo da conversa e as transições feitas conforme a mudança de tópico. Se, como argumenta Schilling-Estes (2008), existe performance e auto-consciência em todo diálogo, e se os falantes estão constantemente buscando moldar seu discurso aos estímulos recebidos, então torna-se interessante uma investigação dos possíveis significados presentes nessas escolhas

de postura. Espera-se, assim, identificar se há uma relação entre as categorias macrosociais e os estilos adotados pelos falantes, além de verificar se algum dos estilos favorece ou desfavorece a realização do fenômeno.

Neste trabalho, a Árvore de Decisão será utilizada para apoiar e fortalecer a análise qualitativa, não a análise de regra variável. A inclusão de estilo como variável previsora e o tratamento estatístico da mesma constitui, no entanto, uma possibilidade investigativa para estudos futuros.

### 3.4 Análises preliminares

Em 2018, durante o período de iniciação científica, foi realizada uma primeira análise com o programa computacional Rbrul (JOHNSON, 2018). Nesse momento foram considerados 8 informantes, metade da amostra utilizada aqui. Os dados somavam então 923 ocorrências, e a porcentagem de aplicação de haploglia encontrada foi de 25%.

No quadro abaixo, estão as variáveis linguísticas e sociais escolhidas para serem testadas.

Variáveis linguísticas	Variáveis extralinguísticas
Igualdade dos segmentos	Gênero
Estrutura silábica da primeira palavra	Indivíduo
Estrutura silábica da segunda palavra	Zona
Tonicidade da sílaba	
Proparoxítone	
Item lexical (Variável aleatória)	

Quadro 3: Variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas em análise preliminar  
Fonte: Elaborado pela autora

Na rodada de efeitos mistos, as variáveis selecionadas como condicionadoras foram Indivíduo, Zona, Estrutura Silábica da Primeira Palavra e Item Lexical. O indivíduo com maior

porcentagem de aplicação - 50% de 106 dados - foi o informante de número 129, um homem jovem morador da zona sul. A zona sul de Porto Alegre foi, inclusive, a região que se sobressaiu com a porcentagem mais expressiva - 40% de aplicação, contrastando com 14% de zona leste. A Estrutura Silábica da Primeira Palavra formada por duas consoantes e uma vogal, como em “dentro de casa” destacou-se com 46% de aplicação. O programa indicou também que palavras individuais à esquerda e à direita possuíam efeito sobre o fenômeno. Já na rodada de efeitos fixos foram escolhidas as variáveis Zona e Estrutura Silábica da Segunda Palavra. O fator que reunia contextos de onset silábico complexo, como consoante seguida por consoante mais vogal, apareceu como favorecedor, com 27% de aplicação.

É possível observar em Heineck (2016) um questionamento acerca do papel desempenhado por palavras com acento na antepenúltima sílaba. Nesta etapa da pesquisa, seguindo a sugestão da autora, escolheu-se observar o comportamento de proparoxítonas na primeira posição. Por se tratar do grupo com menos ocorrências no português, foi difícil encontrar dados suficientes para compor a análise. Em toda a amostra, apenas 12 das palavras à esquerda eram proparoxítonas e em 100% desses casos, assim como relatado em Heineck (2016), não houve realização da haplogogia. Essa variável foi então descartada em modelos posteriores. Tendo os resultados da análise preliminar em vista, espera-se que as variáveis linguísticas condicionadoras se repitam e que a categoria zona apresente valor significativo.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Análise de regra variável

O resultado encontrado em 16 entrevistas do *corpus* LínguaPOA foi de 34,3% de aplicação de haplologia em 1647 dados, ou seja, 565 ocorrências do fenômeno.

GERAL	N
aplicação	565
não aplicação	1082
total	1647

Quadro 4: Resultados gerais de aplicação da haplologia  
Fonte: Elaborado pela autora

Em comparação aos trabalhos anteriores que relatam 21% (Battisti 2005), 21,1% (Leal 2012) e 26% (Heineck 2016) de aplicação, o percentual encontrado aqui é superior. Há, entre eles e este, uma diferença temporal - 15 anos em relação ao primeiro - e uma diferença quanto ao formato das amostras. Tanto Battisti (2005) quanto Heineck (2016) utilizam o *corpus* VARSUL - projeto que inclui os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná - , analisando 24 e 16 entrevistas respectivamente. Já Leal (2012) elabora sua pesquisa em cima de 48 gravações realizadas, em sua maioria, por ela mesma no estado de São Paulo. Este é o primeiro trabalho sobre o fenômeno a partir do *corpus* LínguaPOA, em que os informantes estão distribuídos pelas quatro zonas da cidade e seguem os demais critérios de estratificação social definidos pelo projeto. As especificidades dessa amostragem podem influenciar os números finais encontrados.

Nas tabelas a seguir estão os resultados para haplologia a partir de dois modelos. O primeiro inclui todas as variáveis linguísticas e sociais consideradas nesta pesquisa, exceto item lexical. O modelo I inclui indivíduo e exclui item lexical como variável aleatória; o modelo II inclui item lexical e exclui indivíduo como variável aleatória.

Tabela 1 - Estimativa dos parâmetros do modelo I (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) de haploglogia.

N = 1647

Intercepto = -0.36329

Variável	Apl.Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
<b>IDS</b>					
cdvd	260/758 (34,3%)				
civi	94/ 210 (44,7%)	0.73947	0.17658	4.188	2.82e-05 ***
cdvi	109/233 (36%)	0.14700	0.14967	0.982	0.32604
civd	102/375 (27,1%)	-0.26873	0.14758	-1.821	0.06861 .
<b>ESPP</b>					
ccv	27/61 (44,2%)				
cv	532/1518 (35%)	-0.49810	0.27947	-1.782	0.07470 .
cvc	6/68 (8,8%)	-2.19464	0.51417	-4.268	1.97e-05 ***
<b>ESSP</b>					
cv	502/1401 (35,8%)				
cvc	63/246 (25,6%)	-0.54565	0.17495	-3.119	0.00181 **
<b>Tonicidade</b>					
aa	417/1153 (36,1%)				
at	148/494(30%)	-0.36536	0.13285	-2.750	0.00596 **
<b>Zona</b>					
central	260/758 (29,7%)				
sul	94/ 210 (45,5%)	0.79275	0.32807	2.416	0.01568 *
norte	109/233 (30,3%)	0.07708	0.33351	0.231	0.81722
leste	102/375(28,6%)	-0.03953	0.34523	- 0.115	0.90883
<b>Gênero</b>					
feminino	287/920 (31,1%)				
masculino	278/727 (38,2%)	0.20753	0.23962	0.866	0.38643

Modelo 1 (haploglogia ~ gênero + zona + igualdadadossegmentos + espp + essp + tonicidade + (1indivíduo))

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 2 - Estimativa dos parâmetros do modelo II (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) de haplologia.

N = 1647

Intercepto = -1.92990

Variável	Apl.Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
<b>IDS</b>					
cdvd	260/758 (34,3%)				
civi	94/ 210 (44,7%)	0.90628	0.23279	3.893	9.89e-05 ***
cdvi	109/233 (36%)	0.37703	0.18729	2.013	0.04411 *
civd	102/375 (27,1%)	-0.01008	0.18491	-0.055	0.95652
<b>ESPP</b>					
ccv	27/61 (44,2%)				
cv	532/1518 (35%)	0.30310	0.59024	0.514	0.60759
cvc	6/68 (8,8%)	-1.32367	0.76720	-1.725	0.08447 .
<b>ESSP</b>					
cv	502/1401 (35,8%)				
cvc	63/246 (25,6%)	-0.63381	0.21140	-2.998	0.00272 **
<b>Tonicidade</b>					
aa	417/1153 (36,1%)				
at	148/494(30%)	-0.25842	0.18144	-1.424	0.15436
<b>Zona</b>					
central	260/758 (29,7%)				
sul	94/ 210 (45,5%)	0.82366	0.15910	5.177	2.26e-07 ***
norte	109/233 (30,3%)	0.11297	0.17202	0.657	0.51136
leste	102/375(28,6%)	0.07405	0.18630	0.397	0.69101
<b>Gênero</b>					
feminino	287/920 (31,1%)				
masculino	278/727 (38,2%)	0.22672	0.12245	1.852	0.06410 .

Modelo 2 (haplologia ~ gênero + zona + igualdadadossegmentos + espp + essp + tonicidade + (1|palavraàesquerda) + (1|palavraàdireita))

Fonte: Elaborada pela autora

O Modelo I apresenta Estimativa significativa em igualdade de vogais e consoantes, formação que favorece o processo, estrutura silábica constituída por CVC tanto na primeira quanto na segunda palavra, sendo a presença da coda desfavorecedora, segunda palavra com primeira sílaba tônica, o que inibe levemente a aplicação, e zona sul, região com alta porcentagem de haplologia e favorecedora da mesma. No Modelo II, mostra-se igualmente significativa a igualdade das vogais e consoantes, a formação CVC em estrutura silábica da segunda palavra e a zona sul. O Modelo I difere do Modelo II quanto às variáveis zona e estrutura silábica da primeira palavra, tendo a formação CV e a zona leste Estimativas negativas.

Ao contrário do que afirmam Alkmim & Gomes (1982) e confirmando os trabalhos de Battisti (2005), Pavezi (2006a), Leal (2012) e Heineck (2016), a estrutura silábica da primeira palavra permite onset ramificado. Mais do que isso, parece haver uma leve predominância (44,2%) de apagamento em relação às sílabas simples formadas por consoante e vogal (35%). Uma explicação possível é a frequência de apagamento do item lexical “dentro”, responsável por 43 ocorrências dos 61 dados CCV, 26 delas com aplicação. Perini (1984) vincula o acontecimento da haplologia em determinadas palavras a seu grau de lexificação, ou seja, o quão presente na mente do falante está o item em questão e o quão facilmente ele consegue recuperá-lo. Dessa forma, trechos em que a informação não é nova, como em “dentro de casa”, estariam mais sujeitos ao fenômeno do que em cenários como “importante tomar uma decisão”, onde a aplicação comprometeria a veiculação da mensagem.

A presença de coda, assim como constatado por Leal (2012) e Heineck (2016), inibe o processo, com apenas 8,8% de aplicação. Ao olhar para os exemplos, como “partes da cidade” e “postos de saúde”, vê-se que a realização da haplologia causaria o apagamento da marca de plural, suprimindo uma informação importante (trata-se de mais de uma parte da cidade e mais de um posto de saúde). Perini (1984) alerta para importância de manter o status funcional do sintagma: é preciso que siga sendo possível depreender o sentido da frase com a supressão da sílaba, que existam nela outros elementos responsáveis por deixar claro o que está sendo dito.

Quanto à estrutura silábica da segunda palavra, o grupo CV (que reúne CCV, CCVC e CVV) tem 35,8% de realização, enquanto o grupo cvc (que inclui CVVC) tem 25,6%. Assim

como no caso da estrutura silábica da primeira palavra, o grupo que possui o contexto CCV favorece a aplicação. Heineck (2016) não fez a união em grupos, mas encontrou resultado semelhante: 45% em contextos CCV, desfavorecimento em sílabas com coda (19%) e neutralidade quando a formação é CV (27%).

Na variável tonicidade das sílabas, há um leve favorecimento quando ambas são átonas (36,1%) em relação a quando apenas a primeira é átona (30%). O que demonstra, como já relatado por Tenani (2003), que palavras à direita com a sílaba tônica inicial não bloqueiam o processo.

Como foi observado em análise preliminar, a zona sul aparece com a maior realização de haplologia, totalizando 45,5%. As demais zonas possuem resultados próximos: zona central com 29,7%, zona leste com 28,6% e zona norte com 30,3%. Os sujeitos pertencentes à zona sul integram as oito primeiras posições em número de apagamento e elevam a proporção total, enquanto as outras regiões da cidade mantêm-se próximas dos 30%. É possível traçar, portanto, uma relação entre esta variável e os indivíduos que a compõem: espera-se que a variação observada no falante reflita os valores de sua comunidade de fala (Guy, 1980). Esse grupo, ainda que mantenha suas diferenças individuais e sua pluralidade, compartilharia práticas sociais, estilo de vida e atitudes quanto ao uso da linguagem. No gráfico abaixo, através do uso das cores, pode-se perceber melhor esta aproximação. Em azul estão reunidos os moradores da zona sul, em vermelho os da zona norte, em bege os da zona central e em verde os da zona leste.

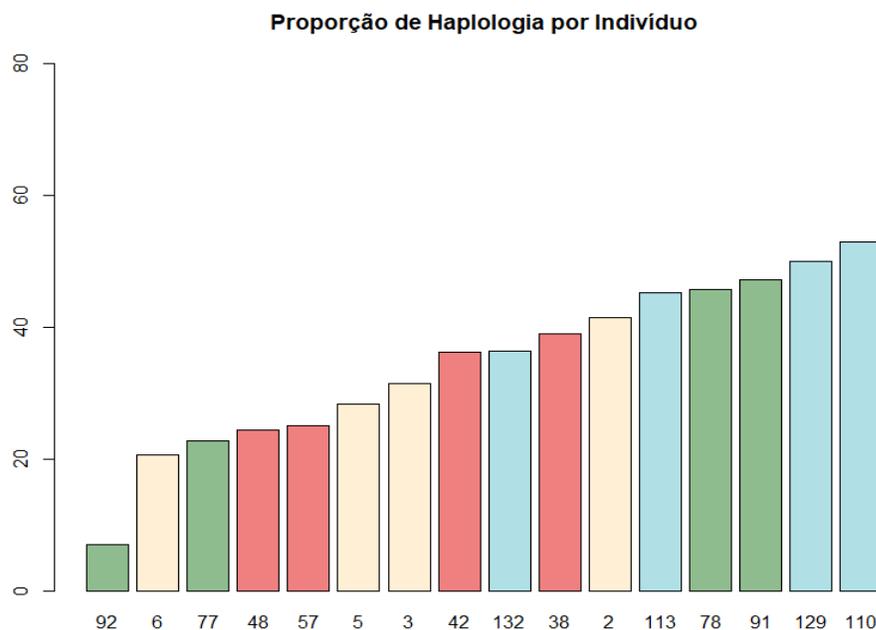


Gráfico 1: Aplicação de haplologia por indivíduo  
Fonte: Elaborado pela autora

Há uma diferença considerável na realização da haplologia entre os indivíduos. O informante número 110, um homem da zona sul, aplica em mais da metade de seus dados, enquanto o informante 92, um homem da zona leste, realiza o apagamento em apenas 7% dos casos. É importante considerar o papel do indivíduo em relação às outras variáveis sociais, assim como suas práticas cotidianas, uma vez que ele está inserido em uma estrutura social. As particularidades destes informantes, bem como comparações entre os seus perfis serão melhor desenvolvidas na seção 4.2.

Assim como relatado em Battisti (2005), Leal (2012) e Heineck (2016), homens aplicam um pouco mais do que mulheres. A diferença não é tão expressiva, 38,2% para o sexo masculino e 31,1% para o feminino. Este resultado pode indicar que a variável resposta, a haplologia sintática, é a forma não-padrão. Conforme defende Labov (1990), mulheres tendem a ter maior sensibilidade à variante padrão, preferindo-a em relação a opção estigmatizada.

## 4.2 Análise de conteúdo e de estilos contextuais

### 4.2.1 Dados biográficos dos informantes e seus comentários sobre a cidade

A maior parte dos entrevistados, quando convidada a expor suas impressões sobre os moradores das quatro zonas e a dizer se enxerga ou não diferença entre eles, respondeu afirmativamente e soube atribuir comportamentos e gostos distintos a cada grupo.



Figura 3: Mapa de Porto Alegre dividido por zonas, adaptado pela autora.<sup>4</sup>

Os moradores da zona sul foram descritos como tranquilos, frequentadores da Orla do Guaíba e com um estilo de vida próximo à natureza. O modo como falam refletiria este ritmo calmo e despreocupado. O sul da cidade é, conforme interpretação dos informantes, buscado por aqueles que desejam mais espaço e a experiência de morar em uma casa. Associou-se também a

---

<sup>4</sup> Disponível em: [http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=21372&p\\_secao=56&di=2014-02-17](http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=21372&p_secao=56&di=2014-02-17) (Acesso em 10/06/2020).

esse grupo uma conduta por vezes arrogante: o “pertencer à zona sul” seria uma distinção reforçada com orgulho por quem ali habita. Como é possível observar no mapa, o sul contorna uma grande parte da cidade. Apesar de reunir bairros diversos, alguns periféricos e outros com características rurais, as regiões que costumam aparecer na lembrança dos indivíduos são aquelas próximas ao rio e com residentes de maior poder aquisitivo, como Ipanema ou Tristeza.

Quase nenhum entrevistado vinculou bairros de renda alta à zona norte, apesar de áreas nobres da cidade estarem incluídas nesta região. O que está presente no imaginário da maioria é a parte industrial, pouco arborizada e com predomínio de grandes centros comerciais. Citam como referência Assis Brasil e Sertório, quase nunca Moinhos de Vento ou Higienópolis. Sobre essa confusão, uma informante relata que as gerações mais velhas ficariam inclusive ofendidas caso categorizassem o bairro em que moram como norte, pois a zona é vista como caótica e seus moradores como financeiramente desfavorecidos.

Com bairros novos ainda em construção, a zona leste é usualmente lembrada como espaço restrito ao estudo e de passagem transitória, por lá estarem duas grandes universidades - a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Nela também estão situados bairros que aparecem com frequência em noticiários - como, por exemplo, Bom Jesus e Partenon -, o que fez alguns informantes definirem a região como insegura. Os entrevistados, no entanto, apresentaram visões muito divergentes sobre esta parte da cidade. Participantes de renda alta, cujo círculo de convivência também incluía pessoas financeiramente abastadas, quando perguntados sobre suas impressões da zona leste, mencionaram parentes e amigos de locais como Petrópolis e Bela Vista e a eles relacionaram traços como “chiques” e “bem vestidos”. O que leva a crer que, dependendo da classe social do entrevistado e das referências que possui, a sua concepção desta zona pode alterar bastante.

A zona central, por sua vez, é vista com unanimidade enquanto o pólo das atividades culturais e da boemia, o “lugar onde todo mundo se encontra”. A descrevem como um espaço democrático em que há maior liberdade de expressão pessoal e onde moram pessoas jovens, com hábitos alternativos. Uma das entrevistadas argumenta, inclusive, que frequentar a zona central da cidade e engajar-se em seus eventos têm maior influência na personalidade de uma pessoa, no modo como ela fala e em sua postura, que residir em um determinado local. Para ela, escolher a

Cidade Baixa (zona central) ou a Padre Chagas (zona norte) - opções antagônicas da vida noturna porto-alegrense - diz muito sobre o indivíduo. Enquanto a primeira está associada a valores progressistas e a um estilo descontraído, onde é permitido trajar jeans e tênis, a segunda é usualmente ocupada pela elite da cidade, ou por aqueles que desejam aproximar-se dela, e os códigos implícitos de vestimenta são mais rígidos. Segundo Hymes (1972), que possui uma interpretação flexível do conceito, os fatores que vinculam um indivíduo a uma comunidade de fala estão relacionados principalmente a critérios sociais, às suas práticas cotidianas. Os adeptos às atividades da zona central, ao preferirem e optarem por esse espaço, estão fazendo também uma afirmação sobre sua identidade, estabelecendo a que valores, condutas e estéticas se aproximam e de quais se afastam.

O quadro abaixo organiza, a partir de duas categorias, os 16 indivíduos analisados na pesquisa. São elas: a ocupação profissional que possuem e os espaços da cidade por onde transitam, as práticas sociais a que se vinculam.

<b>Informante</b>	<b>Aplicação</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Lugares que frequenta</b>
02 - homem	41,5%	Estudante de cinema	Bares da Cidade Baixa, Redenção e cafés no bairro Bela Vista. Zona leste para estudo.
03- homem	31,5%	Técnico de TI	Bares da Cidade Baixa e Bom Fim, atividades em bairros centrais como Menino Deus e Azenha.
05- mulher	28,4%	Estudante de psicologia	Circula quase exclusivamente pela zona central. Cinema da Cidade Baixa e atividades em seu bairro (Menino Deus).
06- mulher	20,6%	Estudante de administração	Restaurantes da Cidade Baixa, Redenção e Gasômetro. Visita amigos na zona leste e norte.
38- homem	39%	Estudante de ciências sociais	Parques do Higienópolis, passeia por bairros da zona central como Bom Fim. Zona leste para estudo.
42- mulher	36,2%	Recém formada em filosofia	Festas da Cidade Baixa, passeia pelo seu bairro (Jardim Europa). Zona leste para estudo.
48- mulher	24,4%	Professora universitária de biologia	Restaurantes da Cidade Baixa, passeia pelos bairros Bom Fim e Higienópolis.
57- homem	25%	TI em uma multinacional	Costuma frequentar lugares em seu próprio bairro (Navegantes), sempre morou na mesma região.
77- mulher	22,7%	Estudante de letras e professora de inglês	Prefere ficar em casa, transita apenas em seu bairro (Petrópolis). Zona leste também para estudo.
78- mulher	45,8%	Publicitária freelancer	Bares da Cidade Baixa e Bom Fim, Redenção, se identifica com as atividades da zona central.
91- homem	47,2%	Estudante do ensino médio, desempregado	Passa grande parte do tempo na zona sul, onde divide casa com sua namorada.
92- homem	7%	Vendedor de cosméticos	Prefere ficar em casa, transita apenas em seu bairro (Morro Santana).
110- homem	53%	Estudante de letras	Passa a maior parte do tempo na zona sul, passeia pelo centro. Zona leste para estudo.
113- mulher	45,3%	Estudante de filosofia	Seu próprio bairro (Espírito Santo), festas da Cidade Baixa. Zona leste para estudo.
129- homem	50%	Recém formado em ciências sociais	Orla do Guaíba, atividades ao ar livre na zona sul, bares da Cidade Baixa. Zona leste para estudo.
132- mulher	36,3%	Tradutora freelancer	Seu próprio bairro (Teresópolis). Redenção, cinema da Cidade Baixa e restaurantes da zona central.

Quadro 5: Dados biográficos dos 16 informantes  
Fonte: elaborado pela autora

Percebe-se que os residentes da zona central tendem a organizar sua rotina nas proximidades do próprio bairro. Os moradores da zona sul, por sua vez, afirmam gostar bastante de onde vivem, mas reclamam quanto à distância em relação às demais atividades de que participam. Em um determinado momento da entrevista, os sujeitos são convidados a opinar sobre aquilo que consideram essencial para a cidade. Três informantes da zona central optaram por “cultura e lazer” - o que reforça o viés artístico desta região e a prioridade que seus moradores dão para eventos culturais. Os quatro indivíduos da zona leste escolheram aumentar e equipar o efetivo policial.

Dentre os seis informantes com mais de 40% de aplicação, três residem na zona sul, um costumava viver na região e pretende retornar para sua antiga casa em breve. Desse grupo, cinco demonstram estar bastante confortáveis ao longo da entrevista. Tanto a informante 78 como a 113 iniciam narrativas pessoais de forma espontânea, guiando o tópico da conversa para áreas do seu interesse. O informante 91 mostra-se menos aberto ao diálogo: suas respostas são sucintas e procura não expor sua intimidade, desviando de temáticas muito pessoais. Destaca-se em relação aos demais pela postura contida, limitando-se a responder estritamente o que foi perguntado. Assim como ele, o informante 129 pertence a um grupo social de menor poder aquisitivo e mora em um bairro periférico. Ambos adotam uma atitude afirmativa sobre suas origens e orgulham-se de sua trajetória. Uma hipótese para suas altas taxas de apagamento seria que, ao utilizarem a variável não-padrão, os entrevistados estariam demonstrando confiança e recusando-se a assumir uma identidade elitizada.

#### **4.2.2 Os estilos contextuais**

Tendo em vista o espaço limitado deste trabalho, foram escolhidos apenas quatro indivíduos para analisar em detalhes: dois homens - 92 (7% de haplologia), 110 (53% de haplologia) - e duas mulheres - 05 (28,4% de haplologia), 48 (28,4% de haplologia), um de cada zona da cidade. Selecionaram-se trechos de suas entrevistas que fornecessem contextos de aplicação e de não aplicação da haplologia, e que correspondessem a diferentes estilos da Árvore de Decisão.

O primeiro trecho é parte da resposta do informante 110, um jovem da zona sul, e versa sobre seus conhecimentos em língua estrangeira. Mesmo tratando-se do tópico “língua”, segmento que pertence ao lado monitorado da Árvore de Decisão, o entrevistado mostra estar confortável com o assunto. Isso sugere que não basta analisar isoladamente a categoria a que o trecho pertence, mas também como ele se relaciona com as particularidades do indivíduo em questão. Ou seja, um estudante de Letras confiante em seu domínio de outro idioma, acostumado a conversar sobre o tema e que não sente necessidade de se autoafirmar neste tópico em particular, provavelmente irá apresentar uma postura relaxada e menos cuidadosa. Há ainda o fato da entrevistadora ser sua colega de curso e ter idade semelhante, o que pode deixar o informante seguro por compartilharem experiências em comum.

Quanto aos aspectos linguísticos, observa-se que o informante oscila entre a primeira pessoa do plural e a forma pronominal “a gente”. Em dois momentos começa com “a gente”, interrompe, e muda para “nós”. Neste recorte existem 6 oportunidades de haplologia, todas com aplicação.

[...] E a gen' **tava** conversando com ele e ele é incrível. E a gen' **tava** sentindo hoje, a gen' **tava** começando a sentir meio que uma... ano passado, na verdade, a gen' **tava** começando a sentir uma dificuldade no inglês, eu e o meu namorado. Então a gente começou a pensar, tipo, “ã cara, por que que a gen' **tá** com dificuldade?” a gen' **tipo**, nós, sabe? Como dizer isso? Tipo, nós somos... temos um nível de proficiência bom. A gente, sabe, nós somos fluentes.

Informante 110

Trecho I

A seguir, vemos o mesmo informante em estilo *soapbox* e, mais importante, tendo pouca familiaridade com a temática. A complexidade do assunto, seja pelo tópico em questão ser objetivamente difícil ou por se tratar de uma área específica do conhecimento distante do entrevistado, pode levar o informante a um estilo cuidadoso. Estudantes de ciências sociais, como os informantes 38 ou 129, mostraram desenvoltura e uma postura tranquila ao teorizar sobre o mesmo questionamento.

Quanto às pistas linguísticas, percebe-se o uso de “contudo” - conjunção pouco encontrada na fala espontânea -, e a presença de hesitações. Em cinco contextos de haplologia, há apenas uma aplicação.

D: O que tu acha dos políticos brasileiros em geral? Tem algum que te chame atenção por ser muito bom ou por ser muito ruim?

L: Complicado. Tipo, tem aquela questão bem senso comum, mas que é realmente realidade, que todos os nossos políticos são ladrões. Que tu se não for ladrão tu não tá no meio, não tem como tu tá no meio. O que não é verdade, eu não acho que seja verdade. Mas tem o seu sentido, entendeu? Porque as pessoas pensam assim... ã dado ao grande rombo que tá tendo no nosso país, com dívidas feitas, com dinheiro sendo **desviado**, sabe? Tipo, os setores principais de base ã... eu acho muito complicada' **tu** ficar do **lado de** pessoas políticas. Contudo, é necessário pro estabelecimento **do** nosso... da nossa... do jeito que a nossa sociedade funciona. Então tu tem que tomar parte. Tu não TEM que tomar parte, porque eu não acho que ninguém deve fazer nada, mas tipo, ã... ninguém é obrigado a fazer nada. Mas, tipo, tu tem que sabe? Tomar uma posição, eu acho importante **tomar** uma posição.

Informante 110

Trecho II

O próximo indivíduo analisado distingue-se do anterior em proporção de aplicação da haplologia: enquanto o informante 110 tem a maior taxa de apagamento (53%), o informante 92 possui a menor (7%). Diferem ainda em outras áreas, compartilhando como semelhança apenas a idade. O primeiro pertence a um bairro de renda alta da zona sul e cursa o ensino superior na universidade federal, já o segundo mora em um bairro periférico da zona leste e não seguiu os estudos após concluir o ensino médio. Suas personalidades também são opostas, um é expansivo e comunicativo, o outro introvertido e parece escolher bem suas palavras.

O trecho III pertence à categoria “resposta”, situada ao lado esquerdo da árvore. Quando questionado sobre o lugar onde mora, o informante 92 busca estabelecer uma diferenciação entre ele e os demais moradores jovens do bairro cujo estilo de vida expressamente condena e do qual deseja se distanciar. Em mais de um momento reforça sua preferência por estar sozinho e evitar interações com os outros, descrevendo-se como “um homem das cavernas”.

Os entrevistadores não o conhecem e, diferente do entrevistado, cursam o ensino superior em uma universidade de prestígio, o que pode motivar a fala cuidadosa do informante. Vemos o reflexo disso no uso de “pelo qual”, forma pouco utilizada no discurso espontâneo, o que indicaria maior consciência de suas escolhas linguísticas e, possivelmente, um desejo de aprovação. Em cinco contextos propícios à haplologia, há apenas uma realização.

D: Tu percebeu alguma mudança de uns anos pra cá no bairro?

L: A segurança pública né, do bairro, isso mudou bastante. Volta e meia tem tiroteio na zona. Não necessariamente na rua mas na volta aqui, né, então.. ã também muito... muitos adolescentes usando **drogas**, né. Tem dias que tu até consegue ver eles sentados ali na praça. Per' **das** crianças usando **drogas**, então isso não é legal. É mais um motivo por... pelo qual eu não gosto **de** sair na rua, fico mais no meu quarto só observando **de** dentro lá.

Informante 92  
Trecho III

O recorte seguinte diz respeito ao comportamento dos jovens atuais em diferentes áreas da vida. É uma oportunidade para o entrevistado se posicionar e emitir sua opinião pessoal sobre o assunto, o que o leva ao estilo *soapbox*. Essa estrutura permite que o indivíduo faça um discurso mais enfático: ele recrimina as escolhas da juventude atual e afirma sua identidade por oposição às demais pessoas da sua idade. Sua fala dialoga com outras informações que temos sobre ele - o informante 92 frequenta assiduamente a igreja, prefere ficar em casa a sair com amigos e apoia uma educação severa dos filhos.

Durante seu discurso, o informante 92 faz diversas pausas, reflete e reformula seu pensamento, o que impede a ocorrência do fenômeno em mais de uma situação. Nas primeiras linhas, dois contextos não foram considerados por haver hesitações que desfizeram a adjacência dos segmentos. Nas duas outras oportunidades de haplologia não há nenhuma aplicação.

D: E o que tu acha do comportamento dos jovens de hoje? Em relação aos pais, ao trabalho, ao namoro, estudo?

L: Olha, eu não chamaria de jovens porque pô... quinze anos... dezoito anos já tão tendo filhos. Então pra mim isso daí é um absurdo. [...] Já em relacionamento com os pais eu vejo muito desrespeito. Não sei dizer assim o porquê que surgiu o desrespeito com os pais, se foi porque não pode mais bater nos filhos quando pequeno. [...] Já no trabalho eu vejo bastante jovens trabalhando desde cedo. Eu tenho uma prima que tá com dezesseis anos e tá fazendo o jovem aprendiz. Então pra mim isso é bom, né, porque a grande maioria dos jovens fica falando "ah só vou trabalhar quando **tiver** dezoito". [...] Em relacionamento bah... é complicado. Muitos namoram escondido **dos** pais, aí acabam engravidando. Pra mim tinha que ser como antigamente: chegar na casa, pedir permissão pros pais.

Informante 92  
Trecho IV

Neste outro fragmento observam-se duas realizações de haplologia em sequência. Aqui, mesmo tratando-se de uma resposta direta, o entrevistado dá sinais de estar menos contido e menos cuidadoso que em outros momentos. Empolga-se ao afirmar seu apreço pelas viagens de carro, rindo alegremente após dar ênfase à preferência.

D: E tu gosta de fazer essas viagens (a trabalho)?

L: É o que eu mais gos' **de** fazer (risos)! Uma coisa que eu mais gos' **de** fazer é dirigir, então pra mim não é problema. Se depender eu pego o carro e... vou embora sem rumo (risos).

Informante 92  
Trecho V

Todos entrevistados, em alguma medida, preocupam-se com a imagem que passam a seus interlocutores. Ao escutar suas gravações, percebe-se que os indivíduos utilizam diferentes estratégias discursivas (Coupland & Giles 1988) para lidar com o cenário comunicativo da entrevista, medindo as reações de seus ouvintes e adaptando-se a elas. Enquanto o informante 92 procura acomodar sua fala por convergência - associando-se à linguagem que julga ser a dos entrevistadores em busca de aprovação - , o informante 91, de perfil social parecido com o seu (homem jovem de bairro periférico cursando o ensino médio), escolhe adotar uma postura diversa. Quando não se sente confortável em responder alguma das perguntas, indica de modo firme “prefiro não falar”, e não fornece maiores explicações. Em outro momento, aparenta não se identificar com a formulação da questão proposta e diz, sem demonstrar constrangimento ou tentar suavizar sua impressão, não ter “pensamentos desse tipo”.

O informante 92, por sua vez, deseja ser agradável. Intercala risadas às suas falas e tenta responder todas questões de forma satisfatória, esforçando-se para desenvolver o tópico mesmo quando não possui grandes informações a respeito. Segundo a argumentação de Bauer e Gaskell (2008, p.101), “toda conversação é guiada por expectativas de expectativas”, isto é, o indivíduo tem em sua mente uma hipótese do que espera-se dele na situação da entrevista. Os autores complementam: “O entrevistador deve, pois, ser sensível ao fato de que a história que ele obterá é, até certo ponto, uma comunicação estratégica, isto é, uma narrativa com o propósito tanto de agradar ao entrevistador quanto de afirmar determinado ponto [...].” A busca do informante 92 pela aprovação de seus interlocutores pode contribuir para uma taxa tão baixa de haplologia. O

cuidado excessivo que tem ao organizar seu pensamento, somado a sua aspiração por um desempenho linguístico que julga semelhante ao dos entrevistadores, pode levá-lo a evitar a variante não-padrão.

As duas mulheres analisadas têm proporções de aplicação próximas: a moradora da zona central, informante 05, realiza o apagamento em 28,4% das vezes e a informante 48, residente da zona norte, 24,4%. A informante 48 é a mais velha da amostra utilizada nesta pesquisa, a única pertencente à faixa etária que vai dos 40 aos 59 anos - o restante pertence à faixa dos 20 aos 39 anos. A proximidade com uma das entrevistadoras faz com que sua postura seja majoritariamente desenvolta, muitas vezes adotando um tom humorístico e fazendo piadas, indicativo de que a informante está confortável com as interações. Sua segurança com o ambiente em que está inserida produz alterações na hierarquia tradicional: em alguns momentos a informante conduz a conversa e faz ela também questões para as entrevistadoras. Quando questionada sobre sua prática docente, devolve a pergunta: “E vocês? Pretendem dar aula?”. Em outro momento, dirige-se para a entrevistadora com quem tem uma relação familiar e comenta sobre o que farão mais tarde: “Trouxe três champagnes. Eu sei que tu não bebe, né Maria? Fazer o quê.” Essa subversão dos papéis clássicos sugere que a informante talvez enxergue a situação como um diálogo, esquecendo por vezes do formato unilateral da entrevista.

O trecho VI é uma narrativa de infância. Conforme defendem Bauer e Gaskell (2008), diferente do esquema pergunta-resposta, “a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos”. Nesses segmentos, o indivíduo possui maior autonomia para escolher o que deseja narrar, sobre qual aspecto da sua vida prefere discorrer. Ainda que as perguntas elaboradas não costumem ter a formulação “sim/não” - o que suscita respostas maiores e, por consequência, dá espaço para colocações pessoais e marcas de subjetividade do entrevistado -, as narrativas são o estilo em que esses traços afloram com mais liberdade.

O fragmento abaixo faz parte de uma das várias histórias contadas pela informante ao longo da gravação. Nele, ela relembra acontecimentos de sua infância e faz referência a elementos compartilhados com suas interlocutoras em narrativas anteriores. Há cinco contextos propícios para a aplicação da haplogia, em quatro deles a informante realiza o apagamento.

[...] Daí um dia, uma noite, a gente **dormia** num quarto, eu, minha vó, meus dois irmãos, né, era uma zona, assim, no quarto. E daí eu comecei a sentir minha cama se chacoalhar, assim, e eu disse: "que estranho essa cama chacoalhando." E daí eu peguei e resolvi olhar. Daí eu olhei, assim, do la' **da** minha cama, morren' **de** medo que fosse o ladrão ou o vampiro. Ou o amendoim assassino (risos). Daí olhei do la' **da** minha cama e vi que tinha uma coisa branca no chão. Daí me tapei até aqui assim, né, eu disse: "ai, meu Deus do céu, o que que será isso!" Daí, daqui a pouco, essa coisa branca ficou aqui na minha cara e eu não sei como eu dei um berro e fui parar em cima do armário. Eu não sei como, do pavor! Daí a minha vó abriu e acendeu a luz, né, era a nossa cachorra (risos). E tinha tido foguete. Ela conseguiu entrar no quarto e, claro, ela tava do la' **da** cama, mas, assim, "arf arf", e daí, fazendo assim, ela tava chacoalhando a minha cama, mas eu achei que era o doutor Gorki.

Informante 48

Trecho VI

Pode-se perceber o contraste com este outro momento da gravação. Nele, a informante tem nove oportunidades de realizar haplologia, mas o faz em apenas uma delas. O tópico versa sobre sua experiência profissional. Apesar da descontração ser a atitude predominante durante a entrevista, quando fala sobre sua carreira de professora universitária assume um tom mais sério e analítico, como vemos abaixo.

Eu trabalho com biologia molecular. Eu busco vírus ã... busco em mosquito, mas tô mudando a matriz. Eu apliquei prum proje' **da** FAPERGS pra ver se eu ganho uma grana pra trabalhar com qualidade **de** água, procurar vírus de contaminação fecal oral. E faço trabalho na extensão... então eu trabalho com desastres naturais **dentro** **duma** comunidade **de** Novo Hamburgo que mora em encosta **de** morro, que já teve deslizamento com morte **de** criança, né, já morreram três crianças ali em Novo Hamburgo. Então é bastante **diversificado**. Isso é uma característica **muito** **de** universidade privada, né, porque a gente **tem** um número de horas e tem que preencher com várias atividades, mas dar aula é muito bom.

Informante 48

Trecho VII

Como a temática profissional é retomada diversas vezes, a entrevistada alterna entre seu tom desinibido e intervalos de fala cuidadosa. Essa oscilação pode explicar o número final baixo - se comparado aos demais entrevistados - de realizações de haplologia.

A última informante observada é uma jovem estudante de psicologia que mora na zona central da cidade. O trecho a seguir foi retirado do começo da gravação. Há nele cinco contextos

de haplologia e nenhuma aplicação.

D: E vocês costumam ter encontros familiares com alguma frequência?

L: Sim, **dentro do** possível sim. Principalmente, assim, uma ou duas vezes por ano... ã geralmente ou ã... lá no interior onde ã... a minha vó por **parte de** pai morava, quando é **encontro da** família do meu pai. Aqui em Porto Alegre, quando é **encontro da** família da minha mãe ou ã... quando não é com a minha vó, quando são só os meus tios por **parte de** pai, geralmente a gente se reúne aqui por centralizar todas as pessoas.

Informante 05

Trecho VIII

Os primeiros minutos de conversa, assim como a categoria “resposta”, geralmente possuem um estilo cuidadoso. A informante, que não conhece as entrevistadoras, está tendo o contato inicial com suas interlocutoras. Este processo de sondagem é importante para o desenvolvimento da entrevista. Como explica Goffman (2002[1956], p.11) “a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar”. Dessa forma, parece haver uma diferença entre entrevistados que possuíam alguma relação anterior com seus entrevistadores, como por exemplo, os informante 02, 38, 48 e 110, em comparação aos que não possuíam, como 05, 06, 92 e 132. Esses últimos precisaram de um tempo a mais de entrevista para realizar o movimento descrito por Goffman, enquanto o primeiro grupo já tinha em sua mente informações que ajudaram a conceitualizar sua audiência.

O último trecho está situado ao final da entrevista. A formulação da pergunta, instigando o posicionamento pessoal da informante, abre espaço para uma manifestação *soapbox*. O tema dialoga com mais de um aspecto constitutivo da sua identidade: como psicóloga em formação, alinhada aos princípios científicos e avessa às medidas repressivas, sua resposta é também uma afirmação de sua personalidade. Ao longo da entrevista, a informante 05 situa-se politicamente no campo progressista, e suas respostas a questões opinativas seguem uma linha de coerência com os valores a que se vincula.

Mais uma vez, vê-se que não é apenas o segmento que importa, mas de que forma o conteúdo nele expresso relaciona-se com o entrevistado. No recorte abaixo acontece o apagamento nos três cenários possíveis. Como a informante deseja afastar-se do pólo

conservador - especialmente na temática sobre a qual disserta -, a utilização da variante não-padrão pode ser um reflexo disso. Ela faz uso do vocabulário técnico (“redução de danos”, “transtornos psiquiátricos”, “desenvolvimento neuro(lógico)”, “higienização social”), afirmando seu conhecimento sobre o assunto, mas linguisticamente adota formas vernaculares, como as contrações “(es)tarem” e “num”.

D: Qual é a tua opinião sobre a descriminalização do uso de drogas?

L: É a opinião científica, eu acho. Redução de danos ã... talvez todas as drogas num primeiro momento a gente realmente não tem condições de fazer isso. Mas sim, maconha é o óbvio. Todos os lugares que fizeram redução de danos tiveram pontos positivos. Tudo bem, daí vai sair sequelas disso? Sim, mas é melhor sequelas de as pessoas tarem usando maconha e tarem dando pra gente menor... porque a porcentagem de gente que vai desenvolver transtornos psiquiátricos por uso de maconha na adolescência é muito menor do que a quantidade **de** gente que tá morrendo por uso de crack. Então isso é redução de danos. Redução de danos não é eu achar que maconha é perfei' **todo** mundo tem que usar e adolescentes também. Não, eu estudo psicologia, eu sei que é ruim pro desenvolvimento neuro que um adolescente use maconha. Mas eu também sei que se continuar morrendo a quantidade **de** gente que tá morrendo é basicamente porque o governo quer que exista uma higienização social. Então isso me incomoda. Então sim, redução de danos, sou a favor de descriminalizar aos poucos.

Informante 05

Trecho IX

Os estilos podem ajudar a explicar por que uma mesma pessoa realiza o apagamento de uma mesma palavra em determinado momento e em outro não. Observando, por exemplo, o informante 92 e os recortes de sua entrevista, podemos nos perguntar como interpretar episódios em que tanto as variáveis linguísticas quanto as sociais são iguais, e diferem na aplicação do fenômeno. Considerando que os aspectos linguísticos de “gosto de” no primeiro e no terceiro trecho (eu não **gosto de** sair na rua/ é o que eu mais gos' **de** fazer) são idênticos, e que se trata do mesmo falante, o que estaria motivando resultados diferentes? Como foi visto, no primeiro caso trata-se de um segmento pertencente ao lado cuidadoso da Árvore de Decisão - resposta direta à pergunta do entrevistador - e, mais que isso, a um tópico delicado - os vizinhos usuários de drogas e a violência de seu bairro. O segundo, por sua vez, integra um dos raros momentos pouco monitorados do informante, em que ele demonstra menos cuidado e hesitação em sua fala. É possível encontrar situações semelhante em outras entrevistas da amostra. O informante 03, por

exemplo, realiza “perto do” sem e com apagamento em dois momentos distintos da entrevista - logo ao início (**perto do** centro) e ao fim (**per’ do** gasômetro), quando está mais à vontade com a situação. Já a informante 77 aplica o fenômeno dentro do tópico sobre sair para comer fora (a gente gosta mui’ **de** comer sushi), mas não quando o assunto é sua formação no curso de Letras (eu sempre gostei muito **de** português).

Sistematizando o relatado neste capítulo, o quadro abaixo apresenta os trechos citados, a quem eles estão vinculados, à qual estilo pertencem e quantas realizações de haplologia aparecem neles.

Trecho	Informante	Estilo	Aplicações
I	110	Língua	6/6
II	110	Soapbox	1/5
III	92	Resposta	1/5
IV	92	Soapbox	0/2
V	92	Resposta	2/2
VI	48	Narrativa de infância	4/5
VII	48	Residual	1/9
VIII	05	Resposta	0/5
IX	05	Soapbox	3/3

Quadro 6: Sistematização dos nove trechos analisados  
Fonte: Elaborado pela autora

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, os resultados quantitativos deste estudo confirmam conhecimentos anteriores. A análise de regra variável apontou, quanto aos fatores linguísticos, o favorecimento do processo em contextos onde as sílabas envolvidas são iguais e a estrutura silábica da primeira palavra é formada por onset ramificado. Em sílabas compostas por CVC, tanto na primeira como na segunda posição, a haplologia é inibida. Os valores de tonicidade indicam a preferência por ambientes com ambas as sílabas átonas.

Dentre as variáveis sociais, o sul da cidade destaca-se nos dois modelos como favorecedor, em especial naquele em que os indivíduos não são considerados como variável aleatória, o que sugere uma aproximação entre eles e zona. O papel condicionador das variáveis sociais e a porcentagem total de aplicação encontrada destoam de outros trabalhos (Battisti 2005, Leal 2012, Heineck 2016), que chegaram a números menores de apagamento e não constataram influência significativa de fatores extralinguísticos. Imagina-se que isso possa ser efeito das características de estratificação da amostra, uma vez que considerar, em relação à haplologia, a dialeção do português de Porto Alegre pela zona a que o falante pertence é uma novidade proposta neste estudo. Quanto ao gênero, observa-se a tendência masculina a uma maior realização do apagamento em comparação às mulheres, fato já relatado por outras pesquisadoras (Battisti 2005, Leal 2012, Heineck 2016).

Por entender que a consideração de diferentes aspectos da vida dos entrevistados enriquece o estudo, o capítulo dedicado à análise de conteúdo procurou organizar informações acerca de suas trajetórias profissionais, seus hábitos cotidianos e suas personalidades. Assim, a avaliação do papel dos indivíduos não acontece de modo desvinculado e independente, mas consciente de sua pertença a um todo. Conforme constatou-se no caso dos informantes 91 e 92 - de perfis parecidos e resultados distintos -, somente a estratificação socioeconômica ou o grau de escolaridade dos sujeitos não é suficiente para traçar correlações com a aplicação da haplologia. As categorias macrosociais, apesar de relevantes, precisam estar acompanhadas de uma reflexão atenta às particularidades contextuais como, por exemplo, a postura adotada pelo entrevistado durante a gravação e a relação que ele estabelece com os seus interlocutores.

O exame dos nove excertos selecionados permite algumas considerações acerca dos estilos contextuais e sua relação com o fenômeno estudado. A primeira é que, apesar dos segmentos da Árvore de Decisão serem definidos pelos traços estruturais que compartilham, há diferenças, por exemplo, entre uma manifestação *soapbox* e outra. Isso porque, como observa-se ao longo do capítulo 4.2.2, não se trata apenas da categoria a que o trecho pertence, mas de que modo o sujeito entrevistado se relaciona com o conteúdo expresso em seu discurso. Conforme sugere Baugh (2001), é importante prestar atenção em outros dados contextuais da entrevista e manter o olhar atento para detalhes biográficos do sujeito analisado. Um dos poucos momentos de descontração do informante 92, o indivíduo com menor taxa de aplicação e que mantém uma postura cuidadosa durante a gravação, integra a categoria “resposta”, estando portanto à esquerda da Árvore. É, no entanto, a única ocasião em que o entrevistado realiza dois apagamentos em sequência. Exemplos como esse sugerem que a divisão dual da Árvore em discurso cuidadoso e discurso casual não contempla satisfatoriamente todos os cenários, sendo benéfica a incorporação de mais fatores situacionais na análise.

Considerando o que foi observado nas quatro entrevistas utilizadas, não é possível afirmar que um estilo de fala específico favoreça ou desfavoreça a haplogia. Para aprofundar essa investigação, seria necessário avaliar um número maior de trechos e informantes, o que permitiria a comparação entre uma variedade de estilos. Percebe-se, entretanto, que há uma relação entre o apagamento e as oscilações da fala monitorada registradas pelas entrevistas. Ainda que não seja viável associar o fenômeno, no momento, a uma construção de persona, há a possibilidade de averiguar, em estudos futuros, de que maneira os falantes utilizam a haplogia enquanto recurso estilístico no português de Porto Alegre.

## 6 REFERÊNCIAS

- ALKMIM, M.; GOMES, A. **Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra**. *Ensaio de Linguística*, 7, p. 43-51, 1982.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATTISTI, E. **Haplologia no português do sul do Brasil: Porto Alegre**. *Letras de Hoje* 40(3): 73-88, 2005.
- BAUER, M; GASKELL, G. **A pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. 7. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- BAUGH, J. **A Dissection of Style Shifting**. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. [S.l.]: Cambridge University Press, p. 109–118, 2001.
- BELL, A. **Language style as audience design**. *Language in Society*, n. 13, p. 145–204, 1984.
- CRYSTAL, D. **A dictionary of linguistics & phonetics**. Blackwell Publishing, 2008.
- COUPLAND, N; GILLES, H. **The communicative contexts of accommodation**. In: *Language and communication*, vol. 8, n.3/4, p.175-182, 1988.
- ECKERT, P. **The meaning of style**. Artigo online disponível em <<https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/salsa2003.pdf>> (Acesso em 30/06/2020).
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 2002.
- GUY, G. **Variation in the group and the individual: the case of final deletion**. In: LABOV, W. *Location language in time and space*. New York: Academic press, 1980.
- HARRIS, J. **Spanish Phonology**. Cambridge, Mass, MIT Press, 1969.
- HEINECK, D. **Análise do fenômeno fonológico da haplologia no português falado em Lages/SC**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.
- HYMES, D. **Models of the interaction of language and social life**. In John Gumperz and Dell Hymes (eds.), **Directions in Sociolinguistics**. 35-71. New York: Holt, Reinhart, and Winston, 1972.
- JOHNSON, D. RBrul version 3.4.4, 2018.
- LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. **The intersection of sex and social class in the course of linguistic change.** *Language Variation and Change*, vol. 2, p. 205-254, 1990.

LABOV, W. **The anatomy of style-shifting.** In Penelope Eckert and John R. Rickford (eds.), *Style and Sociolinguistic Variation*. 85-108. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 2001.

LABOV, W. **Some sociolinguistic principles.** In: C. B. Paulston & G. R. Tucker (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

LEAL, E. **Teoria fonológica e variação: a queda de sílabas em Capivari e em Campinas.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2012.

OUSHIRO, L. **Introdução à estatística para linguistas.** v1.01, 2017. Disponível em <<http://doi.org/10.5281/zenodo.822070>> (Acesso em: 30/06/2020).

PERINI, M. **Nota sobre uso das velocidades de enunciação na descrição de fenômenos fonológicos.** *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, [S.l.], n. 11, p. 5-12, 2016.

PAVEZI, V. **Haplologia entre fronteiras acima da palavra fonológica.** *Estudos Linguísticos*, XXXV, pp. 1945-51, 2006b.

R CORE TEAM (2018). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.

SCHILLING-ESTES, N. **Investigating ‘self-conscious’ speech: The performance register in Ocracoke English.** *Language in Society* 27.1: 53-83, 1998.

SCHILLING-ESTES, N. **Stylistic Variation and the sociolinguistic interview: a reconsideration.** In: R. Monroy and A. Sánchez, ed. *25 Years of Applied Linguistics in Spain: Milestones and Challenges*, 971–986, 2008.

SUSIN, B. **Faland’ de Porto Alegre: A haplologia sintática variável no português da capital gaúcha.** Apresentação no XXX Salão de Iniciação Científica da UFRGS, 2018, Porto Alegre.

TENANI, L. **Haplologia e domínios prosódicos.** *Letras de Hoje*, Porto Alegre: Edipucrs, 2003.